

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE LETRAS**

BRUNO STANKIEWICZ FERREIRA

**PARA QUE TODOS TENHAM VOZ E REPRESENTATIVIDADE:
Um exercício de escuta de vozes que falam sobre orientação sexual na escola
de Educação Básica**

**São Leopoldo
2018**

Bruno Stankiewicz Ferreira

PARA QUE TODOS TENHAM VOZ E REPRESENTATIVIDADE:

Um exercício de escuta de vozes que falam sobre orientação sexual na escola de
Educação Básica

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em
Letras – Português/Inglês, pelo Curso de
Letras da Universidade do Vale do Rio
dos Sinos - UNISINOS

Orientadora: Profa. Dra. Sabrina Vier

São Leopoldo

2018

À minha mãe, ao meu pai, à minha irmã e ao Bruno do
Ensino Fundamental. Ele ficaria muito contente e
orgulhoso por saber que o sofrimento se transformou em
vontade de transformar.

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Vladimir, e à minha mãe, Amélia, os maiores incentivadores da minha caminhada acadêmica, pela motivação, por estarem sempre o meu lado me apoiando e pelo amor incondicional que é recíproco.

À minha irmã, Giovana, pelo apoio, pela paciência e por dividir comigo as pessoas mais incríveis deste mundo, que são nossos pais.

À minha professora e orientadora, Sabrina Vier, por ter confiado em mim desde o início, por ter aceitado o desafio de abordar um tema tão polêmico, mas importante e necessário, e por me mostrar que ser professor pode ser muito mágico e gratificante. Só depende de nós.

À minha amiga-mãe, Rosana, que há 5 anos fez a pergunta que transformou a minha vida e me encorajou a pesquisar sobre o assunto neste TCC.

Aos meus amigos-irmãos, Leandro e Nívea, que nunca medem esforços para me apoiar, para me motivar e para me fazer feliz, mesmo diante das adversidades da vida.

As palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos são mais do que simplesmente palavras. E, por isso, as lutas pelas palavras, pelo significado e pelo controle das palavras, pela imposição de certas palavras e pelo silenciamento ou desativação de outras palavras são lutas em que se joga algo mais do que simplesmente palavras, algo mais que somente palavras. (LARROSA, 2002, p. 21).

RESUMO

Para que o indivíduo se reconheça como ser humano, é preciso que lhe seja garantida a possibilidade de ter voz, experienciando a vida e se sentindo representado em todos os lugares. Assim, o propósito desta pesquisa foi o de oportunizar um espaço de reflexão sobre a importância das discussões acerca da diversidade de orientações sexuais¹ dentro dos espaços escolares da Educação Básica, problematizando a forma como esses aspectos são abordados e/ou contemplados no contexto educacional. A base referencial foi alicerçada, dentre outros autores, em Larrosa (2002) e Moreira e Candau (2007). Abarcando um misto entre a abordagem quantitativa e a qualitativa, buscou-se analisar as respostas oriundas de um formulário de perguntas da ferramenta Google, além dos depoimentos disponibilizados em um espaço aberto ao final do questionário. A partir de 108 respostas, percebeu-se a ausência de uma escola democrática, que cumpra verdadeiramente seu papel, abrangendo as multiplicidades que a compõem. Além disso, notou-se que o preconceito, a discriminação e a violência contra a comunidade LGBTQ+² também têm berço na escola, que muitas vezes fecha os olhos para uma triste e cruel realidade. Observados os resultados das análises, ressalta-se a contribuição desta pesquisa como ferramenta de reflexão para os cursos de licenciatura e de alerta para as instituições de ensino, local em que vidas podem ser transformadas.

Palavras-chave: Orientação Sexual. Escola de Educação Básica. Representatividade. Experiência. Voz.

¹ A orientação sexual consiste na forma como o indivíduo se relaciona com o outro (afetiva e/ou sexualmente).

² LGBTQ+ = Sigla utilizada, nesta pesquisa, para representar a diversidade de orientações sexuais. A sigla oficial e mais atual utilizada para este propósito é "LGBTQQICAPF2K+".

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 EXPERIÊNCIA E REPRESENTAÇÃO SOCIAL	12
2.1 A experiência pela palavra	12
2.2 A experiência no currículo escolar	14
2.3 A experiência pela cultura e pela diversidade	16
3 A ESCOLA, A EXPERIÊNCIA E O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE	20
4 METODOLOGIA	23
4.1 Procedimentos metodológicos	23
5 EXPERIÊNCIA: POSSIBILIDADE DE SER E ESTAR NO MUNDO	28
5.1 Perfil dos entrevistados e das entrevistadas	28
5.2 Descoberta: aceitação e manifestações	32
5.3 Escola, voz e representatividade	36
5.4 Violência e preconceito: vilões de uma triste realidade	41
5.5 A escola e a promoção do respeito à diversidade	48
5.6 Desacomodando pensamentos: uma síntese possível	49
6 EXERCITANDO A ESCUTA: AS VOZES QUE FALAM	52
6.1 Descoberta: aceitação e manifestações	52
6.2 Escola: voz e representatividade	54
6.3 Violência e preconceito: vilões de uma triste realidade	56
6.4 A escola e a promoção do respeito à diversidade	58
6.5 Desacomodando pensamentos: outra síntese possível	59
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	64
ANEXO A – ESPAÇO ABERTO	65

1 INTRODUÇÃO

A escola de educação básica tem por objetivo fundamental a formação do cidadão. Nesse sentido, é responsável por garantir que, dentro e fora dos espaços escolares, crianças e adolescentes sejam capazes de enfrentar os obstáculos impostos pelo mundo, usufruir com responsabilidade dos benefícios ofertados e participar, de forma crítica e efetiva, da sociedade em que estão inseridos. É natural que se entenda que a constituição desta garantia esteja atrelada à aquisição da informação, à construção do conhecimento e, por fim, à suposta concepção de criticidade. Mas, segundo Larrosa (2002, p. 22), “uma sociedade constituída sob o signo da informação é uma sociedade na qual a experiência é impossível”: e a experiência é possibilidade da palavra, do humano. E é preciso, sem sombra de dúvidas, que a escola seja ambiente de experientiação, para todos.

Percebo³ que, de certa forma, muitos aspectos que deveriam compor a formação discente na sua amplitude e possibilitar esta diversidade de experiências acabam ficando fora do planejamento dos professores e das professoras⁴. A verdade é que, assim, crianças e adolescentes da Educação Básica acabam crescendo e estruturando os próprios conceitos baseados no senso comum que, bem sabemos, está distante da realidade.

Escrevo com a propriedade de quem cursou todo o Ensino Fundamental em uma escola pública da rede estadual e cresceu sendo, indiretamente, doutrinado a seguir padrões preestabelecidos pela sociedade. Aprendi, como grande parte da população, a distinguir o que é de menino e o que é de menina. Que cada um dos sexos têm um comportamento e uma aparência determinados. Além disso, fui forçado a entender que meninas obrigatoriamente devem se relacionar com meninos

³ Destaco aqui que, durante a escrita desta pesquisa, a autoria estará marcada pela primeira pessoa do singular e pela primeira pessoa do plural. Isso porque são muitas as vozes que se fazem presentes neste estudo. Quando as sentenças estiverem em primeira pessoa do singular, dizem respeito, em especial, à voz do autor deste Trabalho de Conclusão de Curso. Quando as sentenças estiverem em primeira pessoa do plural, evocam a voz do autor, da orientadora, dos leitores e dos entrevistados. Esse movimento busca dar espaço a diferentes vozes e representatividades encontradas ao longo desta pesquisa.

⁴ Muito refleti sobre como nomear as vozes nesta pesquisa. Pensei em utilizar o masculino, o feminino, arroba ou a letra “x”. Nessa reflexão, deparei-me com a possibilidade de, ao utilizar “professor@” ou “professorx”, por exemplo, softwares de leitura para deficientes visuais acabarem não reconhecendo os símbolos e, portanto, tornarem a pesquisa inacessível para todos os públicos. Nesse sentido, opto pelo uso dos dois gêneros, quando a marcação for necessária, tendo em vista que o exercício da representatividade é importante, inclusive, nas escritas acadêmicas.

e que os meninos, por sua vez, devem obrigatoriamente se relacionar com as meninas. Mas ninguém, na escola, se preocupou em saber o que passava pela minha cabeça. Ninguém teve a sensibilidade de perceber que eu e muitos outros não nos encaixávamos naqueles padrões; acabávamos ficando isolados e, graças a imposição descabida e desenfreada de pré-conceitos, sofriamos todo tipo de violência.

Quando comecei a trabalhar como professor, imaginava que encontraria, quase vinte anos depois, uma escola mais atual que respeitasse seus alunos e alunas do jeito que são e que tornasse a educação significativa para todos e todas, sem distinção de classe, raça, gênero ou orientação sexual. Mas não foi bem assim. Eu vi meninas sofrendo bullying por parte de colegas, professores e professoras pelo fato de que se identificavam como meninos ou tinham uma namorada. Eu vi meninos tendo que controlar voz ou trejeitos para não ter que passar, mais uma vez, pelo constrangimento de ouvir o professor ou a professora pedindo que “se ajeitasse”. Expressão essa que ouvi inúmeras vezes enquanto aluno. E, nesse último caso, ter um namorado estaria fora de cogitação. Eu vi meninos e meninas encolhidos em cantos pelo pátio, receosos, amedrontados, sozinhos...

Sempre tive vontade de contribuir para que o cenário fosse diferente e ninguém mais passasse o que eu e outros muitos passamos na escola. Encontrei no Trabalho de Conclusão de Curso a oportunidade de desenvolver uma pesquisa que estudasse a forma como questões acerca da orientação sexual são abordadas na escola, os impactos causados por esse tipo de discussão em sala de aula (ou por sua falta) e a relevância do papel dos professores e das professoras no processo de mediação do assunto e dos conflitos oriundos dessas discussões. Além disso, encontrei a oportunidade de verificar a existência de regulamentações legais que garantam estas abordagens. Nessa perspectiva, acredito que os resultados da pesquisa podem contribuir com a reflexão dos acadêmicos e acadêmicas de licenciatura, dos professores e das professoras da educação básica e, até mesmo, com a mudança de determinadas práticas escolares que nada acrescentam de positivo na vida de estudantes.

Nesse sentido, a fim de dar voz e permitir uma reflexão sobre representatividade, estipulei como tema desta pesquisa: a orientação sexual na escola de Educação Básica - o papel do currículo, dos professores e das

professoras na garantia da representatividade, da multiplicidade cultural e da diversidade social sob a perspectiva dos alunos e das alunas.

Como forma de orientar o trajeto a ser percorrido, determinei como objetivo geral problematizar a forma como os aspectos da orientação sexual são abordados/contemplados no contexto escolar, sob a perspectiva de alunos e alunas LGBT+. Estabeleci, ainda, como objetivos específicos:

- a) reconhecer a palavra como possibilidade de experiência humana;
- b) identificar a multiplicidade cultural;
- c) tensionar o papel do currículo, da escola e de docentes em relação à temática pesquisada.
- d) servir de espaço de escuta de vozes de alunos e alunas LGBT+ para que retratem, sob sua ótica, vivências em relação à diversidade nos espaços escolares.

De acordo com Stoer e Cortesão (1999 apud MOREIRA e CANDAU, 2007, p. 31),

O professor “daltônico cultural” é aquele que não valoriza o “arco-íris de culturas” que encontra nas salas de aulas e com que precisa trabalhar, não tirando, portanto, proveito da riqueza que marca esse panorama. É aquele que vê todos os estudantes como idênticos, não levando em conta a necessidade de estabelecer diferenças nas atividades pedagógicas que promove.

Nesse sentido, quase no final da segunda década do vigésimo primeiro milênio, ainda nos deparamos com situações de discriminação, promovidas, de forma especial, dentro das salas de aula deste país. Infelizmente, é preciso salientar que muitas destas situações acontecem sob os olhares passivos de professores e professoras, que, ao invés de repreendê-las e buscar soluções para que sejam extintas, acabam, inclusive, incentivando-as. Vivemos, particularmente, um tempo em que a liberdade de expressão e a democracia têm sido confundidas com o discurso de ódio, com a opressão e com as lamentáveis práticas de aniquilamento das minorias. Por mais que o tempo tenha passado, parece que as pessoas ainda não conseguiram compreender que a diversidade, não só a de gênero ou a sexual, mas a cultural, faz bem, enriquece o intelecto e educa a sociedade.

Senti a necessidade de abordar a temática da orientação sexual neste trabalho, tendo em vista a urgência de uma discussão mais profunda neste sentido e a ausência de materiais que promovam essa reflexão. Porque dentro da escola sempre percebi o isolamento das minorias e presenciei, algumas vezes, os

episódios de discriminação, que ocorreram inclusive comigo. Mas, de qualquer forma, nunca tive a felicidade de encontrar alguém que assumisse a responsabilidade de dar voz aos que eram reprimidos. Nem sequer pude presenciar o mínimo esforço que fosse no sentido de promover o respeito à diversidade dentro da escola.

E quantas vezes nos deparamos com docentes que fecham os olhos para a realidade? Quantas vezes a violência acontece na nossa frente e o que vemos não é nada mais do que a inércia? Quantas vezes, nas aulas de Língua Portuguesa, por exemplo, em uma atividade de leitura, o professor ou a professora insiste em escolher a notícia que trata do aumento do preço da gasolina em detrimento daquela que noticia mais uma catástrofe contra a comunidade LGBTQ+? Estaria ele ou ela preparado ou preparada para o debate motivado pela leitura? Não, afirmo. Mas até quando? É preciso garantir que, dentro e fora da sala de aula, todos e todas tenham voz, todos e todas sejam representados e representadas, todos e todas sejam ouvidos e ouvidas.

Dessa forma, o propósito central desta pesquisa é, justamente, o de dar voz àqueles e àquelas que são, me parece, emudecidos pela sociedade. Será um espaço de análise reflexiva sobre os benefícios de uma escola verdadeiramente democrática, em que alunos e alunas, todos, precisam se sentir, acima de tudo, humanos, humanas, respeitados e respeitadas.

Para cumprir com o propósito aqui delineado, no primeiro capítulo, foi apresentada a introdução da temática da pesquisa, bem como os objetivos traçados e a justificativa, a fim de salientar a relevância do trabalho. No segundo capítulo, serão refletidos os conceitos de experiência e sua importância para o desenvolvimento humano, tanto pela perspectiva da apropriação da palavra quanto pela perspectiva do currículo escolar, ambos como elementos de representatividade. Além disso, ainda no segundo capítulo, será apresentado o conceito de cultura pelo viés da diversidade dentro da escola. Já no terceiro capítulo, serão abarcadas questões de identidade, concebendo a escola como principal ambiente no seu processo de afirmação, e de que forma a escola pode contribuir enquanto possível facilitadora deste processo. No quarto capítulo, apresentarei a metodologia da pesquisa, explicitando os procedimentos metodológicos elaborados para cumprir com os propósitos estabelecidos. No quinto capítulo, analisarei os gráficos produzidos a partir das respostas do questionário. A análise dos depoimentos

deixados no espaço aberto será feita no sexto capítulo. Por fim, no sétimo capítulo, apresentarei as considerações finais, as limitações percebidas ao longo da pesquisa e os propósitos para a continuidade dos estudos.

2 EXPERIÊNCIA E REPRESENTAÇÃO SOCIAL

As abordagens acerca da orientação sexual na escola de Educação Básica precisam estar alicerçadas, fundamentalmente, na representatividade, pois é a partir dela que alunos e alunas terão a oportunidade de experienciar aquilo que vivenciam. Segundo Larrosa (2002, p. 27), “A experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida”. Nesse viés, não é possível que se acredite na qualidade da formação de um indivíduo sem que ele se perceba integrante do ambiente em que está inserido, sem que se sinta importante, sem que se reconheça como um ser humano representado. A significação do aprendizado está, pois, atrelada à necessidade da experiência, da representação e da noção de pertencimento em relação ao que o integra.

Nessa perspectiva, este será o espaço para que se compreenda a importância da palavra como elemento de representação social, pois é justamente por intermédio de sua apropriação que as manifestações culturais, resultantes dos processos de experiência, se constituem e contribuem com a preservação da diversidade existente na escola.

2.1 A experiência pela palavra

O homem é um vivente com palavra. E isto não significa que o homem tenha a palavra ou a linguagem como uma coisa, ou uma faculdade, ou uma ferramenta, mas que o homem é palavra, que o homem é enquanto palavra, que todo humano tem a ver com a palavra, se dá em palavra, está tecido de palavras, que o modo de viver desse vivente, que é o homem, se dá na palavra e como palavra. (LARROSA, 2002, p. 21).

A palavra tem importância fundamental na concepção do ser humano como ser no mundo. Há que se firmar o entendimento de que, segundo Larrosa (2002, p. 21), “tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso”. Não se pode instituir a manifestação social de um sujeito sem que se leve em conta que sua existência está atrelada à essência da palavra. Seu poder de pertencimento em relação a isso é o que permite a possibilidade de seus pensamentos e de suas crenças, elementos que o tornam participante ativo das situações que permeiam sua existência física e intelectual.

É a palavra que possibilita a experiência e a representação já descritas anteriormente. Na escola, o aluno ou a aluna que, por diferentes razões, não se apropriar da palavra, e, pior, não se sentir representado ou representada, dificilmente terá uma formação de qualidade, já que a experiência estimulada por esses aspectos é a responsável por trans/formar sua vida. De qualquer forma, é importante salientar que, em relação à palavra, precisamos estar conectados com a concepção de que esta faz parte da constituição humana, e não de que seja apenas uma ferramenta para a aquisição de informações. Nesse sentido, Larrosa (2002, p. 23) defende que:

Desde pequenos até a universidade, ao largo de toda nossa travessia pelos aparatos educacionais, estamos submetidos a um dispositivo que funciona da seguinte maneira: primeiro é preciso informar-se e, depois, há de opinar, há que dar uma opinião obviamente própria, crítica e pessoal sobre o que quer que seja. A opinião seria como a dimensão “significativa” da assim chamada “aprendizagem significativa”. A informação seria o objetivo, a opinião seria o subjetivo, ela seria nossa reação subjetiva ao objetivo. Além disso, como reação subjetiva, é uma reação que se tornou para nós automática, quase reflexa: informados sobre qualquer coisa, nós opinamos. Esse “opinar” se reduz, na maioria das ocasiões, em estar a favor ou contra. Com isso, nos convertemos em sujeitos competentes para responder como Deus manda as perguntas dos professores que, cada vez mais, se assemelham a comprovações de informações e a pesquisas de opinião.

Assim, a experiência a que me refiro não pode estar atrelada à quantidade de material disponível para as discussões sobre orientação sexual nas instituições de ensino, por exemplo, visto que não se trata da simples aquisição/transmissão de conhecimento, mas ao esforço do professor ou da professora em oportunizar um universo que toque o estudante ou a estudante, possibilitando a experiência da diversidade em palavra. Isso porque, de acordo com Larrosa (2002, p. 21),

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.

Vivemos um tempo em que a diversidade é pauta das grandes mídias, que se aproveitam do poder que possuem em relação à população para tratar o assunto como uma anormalidade, reforçando estereótipos, humorizando o que não é engraçado e reafirmando a suposta premissa de que a “maioria” deve prevalecer em relação à “minoria”. Compreendeu-se, ainda assim, que é preciso abordar esse tema tão importante na escola e que é a partir da escola, a partir da formação dos novos

cidadãos e cidadãs, que, um dia, poderemos erradicar o preconceito e a discriminação. Entretanto, é preciso ressaltar a ação docente nesse processo, já que também é responsabilidade do professor ou da professora inserir essa pauta em seu planejamento e garantir que tais elementos sejam contemplados na elaboração dos currículos escolares, que são constituídos de:

[...] experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento, em meio a relações sociais, e que contribuem para a construção das identidades de nossos estudantes. Currículo associa-se, assim, ao conjunto de esforços pedagógicos desenvolvidos com intenções educativas. (MOREIRA e CANDAU, 2007, p. 18).

Assim, muito mais do que fazermos uso das palavras como meras ferramentas, precisamos percebê-las como realmente são/estão para nós no mundo: intrinsecamente ligadas à nossa existência, permitindo-nos as experiências do dia a dia. E a escola de Educação Básica, por intermédio de seu currículo, precisa garantir que essas experiências sejam possíveis para todos e todas.

2.2 A experiência no currículo escolar

O professor e a professora precisam mediar os debates, fazer os contrapontos e, acima de tudo, ser democráticos e democráticas. Mas, por inúmeras razões, o que vemos são profissionais distantes desta realidade, carregados de crenças, ou que precisam enfrentar, no seu cotidiano, as pressões exercidas pelos superiores para que assuntos como gênero e orientação sexual permaneçam suprimidos em meio a um emaranhado de conteúdos vagos que, claramente, não representam a vida *extra muros* (e nem mesmo a *entre muros*). Nesse sentido, Moreira e Candau (2007, p. 18) comentam a existência de currículos ocultos nas escolas, que são:

[...] atitudes e valores transmitidos, subliminarmente, pelas relações sociais e pelas rotinas do cotidiano escolar. Fazem parte do currículo oculto, assim, rituais e práticas, relações hierárquicas, regras e procedimentos, modos de organizar o espaço e o tempo na escola, modos de distribuir os alunos por agrupamentos e turmas, mensagens implícitas nas falas dos(as) professores(as) e nos livros didáticos. (MOREIRA E CANDAU, 2007, p. 18).

É natural que no dia a dia da escola e, de forma particular, da sala de aula, esses currículos ocultos sejam estabelecidos. Entretanto, é preciso salientar que, de

forma errada, esses currículos colocam em risco a formação integral do aluno e da aluna como cidadão ou cidadã. E não quero aqui sugerir uma limitação à autonomia do professor ou da professora em seu ambiente de trabalho, tal como propõe a absurda *Lei da Mordaza*⁶ que pretende limitar a ação docente, mas alertar que as aulas, por influência de crenças particulares e conceitos preestabelecidos, não têm sido completas e abrangentes. Além disso, quero atentar sobre os e as milhares de estudantes que são esquecidos e esquecidas pelos cantos, não tendo suas individualidades respeitadas e/ou representadas como as de outros e outras colegas pertencentes a grupos dominantes. Por mais inofensivos que esses currículos ocultos possam parecer, apropriados pelos professores ou pelas professoras de forma equivocada, podem oprimir ainda mais aqueles e aquelas que já estão, “suficientemente”, reprimidos e reprimidas pela sociedade.

Partindo dos pressupostos já descritos, compreendemos que experiência e a representatividade deveriam ser garantidas por intermédio de um currículo amplo, que contemplasse em sua constituição a diversidade discente e, assim, respeitasse as diferentes manifestações particulares envolvidas no contexto escolar. Porque a escola e, de forma especial, a sala de aula, é um ambiente diverso. Há que se considerar a dificuldade de um aluno ou uma aluna homossexual, por exemplo, em se sentir representado ou representada, contemplado ou contemplada em um lugar no qual as pessoas sequer valorizam sua existência e a carga de cultura que traz consigo a partir das vivências externas. Há ainda que se reconhecer a incansável insistência da sociedade em colocar a mulher em um patamar inferior ao de um homem achando que, supostamente, este seja o seu lugar.

Dessa forma, ressalto o papel fundamental da escola no sentido de garantir que todos e todas possam ter suas experiências particulares. E que essa garantia seja afirmada, também, por orientações prescritas em um documento oficial, que assegure o direito de todos e todas a uma educação plena. Essas garantias é que são capazes de oportunizar, conforme explicitarei no próximo subcapítulo, um espaço democrático para a diversidade de culturas e a diversidade de orientações sexuais.

⁶ Projeto de Lei nº 193/2016, de autoria do Senador Magno Malta (PR/ES), que dispõe sobre a inclusão, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), do Programa Escola Sem Partido.

2.3 A experiência pela cultura e pela diversidade

Ao longo do tempo, as concepções de cultura foram variando e evoluindo conforme o contexto de aplicação e o período histórico. Moreira e Candau (2007) consideram cinco concepções que serão expostas neste subcapítulo, a fim de que se possa compreender a ligação entre cultura e os espaços escolares.

Segundo suas percepções, Moreira e Candau (2007, p. 26) definem que “O primeiro e mais antigo significado de cultura encontra-se na literatura do século XV, em que a palavra se refere a cultivo da terra, de plantações e de animais. É nesse sentido que entendemos palavras como agricultura, floricultura, suinocultura”. Já neste primeiro excerto, fico tensionado a refletir sobre a expressão “cultivo”, porque, muito embora os alunos e as alunas não sejam plantas ou animais do campo, é preciso que a escola seja responsável por seu cultivo. E é justamente sobre isso que trata a segunda concepção de cultura apresentada pelos autores quando abarcam, também, o cultivo da mente humana (MOREIRA; CANDAU, 2007).

Ainda nesta segunda concepção de cultura, do século XVI, é importante salientar que:

[...] passa-se a falar em mente humana cultivada, afirmando-se mesmo que somente alguns indivíduos, grupos ou classes sociais apresentam mentes e maneiras cultivadas e que somente algumas nações apresentam elevado padrão de cultura ou civilização. No século XVIII, consolida-se o caráter classista da idéia de cultura, evidente na idéia de que somente as classes privilegiadas da sociedade européia atingiriam o nível de refinamento que as caracterizaria como cultas. O sentido de cultura, que ainda hoje a associa às artes, tem suas origens nessa segunda concepção: cultura, tal como as elites a concebem, corresponde ao bem apreciar música, literatura, cinema, teatro, pintura, escultura, filosofia. (MOREIRA E CANDAU, 2007, p. 26).

Nota-se, portanto, um tom de nivelamento no que diz respeito à cultura das pessoas. Não é de se espantar que, numa sociedade repleta de preconceitos, e até mesmo dentro de muitas escolas, esta concepção ainda seja aceita e compreendida como correta, visto que desconsidera o que é popular, ou parte das classes economicamente desfavorecidas. Assim:

[...] no século XX, a noção de cultura passa a incluir a cultura popular, hoje penetrada pelos conteúdos dos meios de comunicação de massa. Diferenças e tensões entre os significados de cultura elevada e de cultura popular acentuam-se, levando a um uso do termo cultura que se marca por valorizações e avaliações. (MOREIRA E CANDAU, 2007, p. 26).

Em uma terceira concepção, Moreira e Candau (2007, p. 26) tratam do desenvolvimento social, motivado pelo Iluminismo, mas que ainda restringe a cultura como característica das nações desenvolvidas, em detrimento das consideradas de Terceiro Mundo. Por outro lado, os autores sugerem, de forma especial, uma quarta concepção que escolho para sustentar este trabalho, já que associam cultura e currículo, dizendo que é:

[...] a *forma geral de vida* de um determinado grupo social, com as representações da realidade e as visões de mundo adotadas por esse grupo. A expressão dessa concepção, no currículo, poderá evidenciar-se no respeito e no acolhimento das manifestações culturais dos(as) estudantes, por mais desprestigiadas que sejam. (MOREIRA E CANDAU, 2007, p. 27, grifo dos autores).

Entendendo a cultura como manifestação social, é preciso sempre lembrar que vivemos em uma sociedade múltipla e, assim, repleta de culturas distintas. Não podemos considerar apenas um tipo de manifestação em detrimento de tantas outras que, provavelmente, mais do que a primeira (da classe dominante), precisam de visibilidade e voz. E quando associamos isso à escola, então, temos a obrigação de considerar todas, já que a multiplicidade cultural é que traz valor ao contexto educacional.

Enquanto seu primeiro meio social depois da família, a escola precisa estar disposta, por meio do trabalho dos professores, das professoras e do currículo, a contemplar as representações de mundo manifestadas pelos e pelas estudantes, possibilitando que cada um deles ou cada uma delas, de acordo com suas singularidades, tenham a oportunidade de externar, por intermédio de ações, palavras e voz aquilo que verdadeiramente são. O ser humano não se completa e não se estabelece por inteiro de outra forma que não seja por meio de sua cultura. Para que a representatividade ocorra, é preciso que cada aluno e cada aluna, independentemente de qualquer particularidade, percebam o valor que têm e, da mesma forma, consigam se manifestar sem o receio de serem julgados ou julgadas, discriminados ou discriminadas, reprimidos ou reprimidas.

E, aqui, também é importante lembrar de uma quinta concepção de cultura proposta por Moreira e Candau (2007, p. 27), a que trata do compartilhamento de significados porque a cultura precisa ser percebida, necessariamente, por seu aspecto humano. Assim, é imprescindível, repito, que a escola promova essa troca de significados. Quem é o ser humano senão o conjunto de seus significados?

Mesmo para os alunos e as alunas que não façam parte de uma minoria social, é importante que tenham contato com diferentes culturas e que visualizem isso em seus espaços de relação social, já que a experiencição é sempre válida e importante para a formação humana do cidadão e da cidadã. Segundo Arroyo (2006, apud MOREIRA E CANDAU, 2007, p. 20), “[...] a escola precisa preparar-se para bem socializar os conhecimentos escolares e facilitar o acesso do(a) estudante a outros saberes”. Além de que “[...] os conhecimentos que se constroem e que circulam nos diferentes espaços sociais constituem direito de todos.” (ibid). E é, então, também por isso, que ressaltamos a necessidade de que currículos e planejamentos sejam transformados e adaptados pelos professores e professoras, e pela escola como um todo, para que estejam cada vez mais próximos, ou que sejam, como de fato deveriam ser, o reflexo da realidade de cada um e de cada uma.

É válido ressaltar também a importância do currículo escolar no que diz respeito à diversidade cultural. Esta, aqui, também precisa ser garantida para que no dia a dia as coisas de fato aconteçam e não dependam da boa vontade de alguém. Segundo Moreira e Candau (2007, p. 28),

O currículo é um campo em que se tenta impor tanto a definição particular de cultura de um dado grupo quanto o conteúdo dessa cultura. O currículo é um território em que se travam ferozes competições em torno dos significados. O currículo não é um veículo que transporta algo a ser transmitido e absorvido, mas sim um lugar em que, ativamente, em meio a tensões, se produz e se reproduz a cultura.

E quando os autores se referem à imposição cultural de um determinado grupo sobre os outros, obviamente, estão fazendo uma crítica, tal qual eu quero fazer, àqueles e àquelas que insistem em se apoderar de algo que não só lhes pertence. Porque a escola é um espaço de democracia, de novas descobertas, de respeito e, deveria ser, também, de representatividade. É inconcebível que se aposte em uma Educação Básica de qualidade que classifique, por grau de importância, aqueles e aquelas que terão suas vidas, suas individualidades e sua cultura contempladas em sala de aula. E é ainda mais preocupante que se continue formando professores e professoras com este pensamento restrito e segregador, que desrespeita a dignidade humana dos estudantes e das estudantes:

[...] uma educação de qualidade deve propiciar ao(à) estudante ir além dos referentes presentes em seu mundo cotidiano, assumindo-o e ampliando-o, transformando-se, assim, em um sujeito ativo na mudança de seu contexto. (MOREIRA E CANDAU, 2007, p. 21).

Todos os estudantes, independentemente de gênero ou orientação sexual, precisam estar abertos à contaminação positiva oportunizada pela diversidade cultural. Nesse sentido, conforme Larrosa (2002, p. 25),

É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre.

É preciso que se esteja aberto à mudança, ao aprendizado. Todos e todas devem estar disponíveis a ensinar e aprender coisas novas, e, na mesma intensidade, sentir o que é diferente. A escola é o espaço adequado às trocas, porque é onde se conhece o desconhecido a fim de buscar crescimento (acadêmico e pessoal). No mesmo sentido, é na escola, também, que cada um constrói a sua identidade, reconhecendo-se a partir das experiências que são oportunizadas. Escola, experiência e o processo de construção da identidade são o tema do próximo capítulo.

3 A ESCOLA, A EXPERIÊNCIA E O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

A adolescência, período intermediário entre a infância e a vida adulta, é, sem dúvida, uma fase bastante delicada para os jovens e as jovens, visto que nesta etapa da vida grandes e importantes transformações acontecem, tanto no campo físico quanto no psicológico. Tratando-se de uma situação muito particular, que varia de indivíduo para indivíduo, não vem acompanhada de um manual de instruções, e essa falta de orientação torna o processo, por vezes, conturbado e doloroso.

Por esta e outras razões, a escola tem um papel fundamental na vida da criança e do adolescente. Muito mais do que ensinar conteúdos predeterminados para cada área de conhecimento, a escola deve ser um espaço de trocas de experiências, porque são estas trocas que propiciam ao aluno e à aluna a construção da própria identidade. Mas ao mesmo tempo em que oferece espaço, a escola precisa oferecer apoio, porque este é o maior anseio nesta fase. Há dúvidas que precisam ser sanadas, há crises que precisam ser tratadas, há medos que precisam ser desmistificados. Às vezes a escola é a única opção de ajuda. Logo, não pode ocupar um papel contrário.

Segundo Erikson (1972, p. 21),

Em termos psicológicos, a formação da identidade emprega um processo de reflexão e observação simultâneas, um processo que ocorre em todos os níveis de funcionamento mental, pelo qual o indivíduo se julga a si próprio à luz daquilo que percebe ser a maneira como os outros o julgam, em comparação com eles próprios e com uma tipologia que é significativa para eles; enquanto que ele julga a maneira como eles o julgam, à luz do modo como se percebe a si próprio em comparação com os demais e com os tipos que se tornaram importantes para ele.

Nesse sentido, aspectos relacionados à identidade, incluindo a orientação sexual, também se manifestam na adolescência, e por consequência na escola, já que é resultado de trocas entre indivíduos, e são, talvez, os que mais geram insegurança. Ainda não se sabe ao certo quem se é. Apenas se desconfia e se buscam respostas para os inúmeros questionamentos que permeiam a mente. É sempre na escola que isso tudo acontece e é lá que o jovem e a jovem precisam encontrar a solução para aquilo que os inquieta, e que os impede de ser eles mesmos, elas mesmas.

De acordo com Vasconcellos (2002, p. 12),

O movimento de democratização e qualificação da educação é um amplo e complexo processo, que tem como meta a mudança da prática em sala de aula e na escola. Neste, a equipe diretiva (direção, supervisão, coordenação pedagógica, orientação educacional) tem um importante papel, dada sua influência na criação de um clima organizacional favorável.

Por isso, a escola precisa garantir a democratização dos processos de ensino, a fim de que todos os alunos e todas as alunas sejam contemplados e contempladas, e de que as respostas encontradas ao longo do caminho não sirvam apenas para um determinado grupo em detrimento de outro. Mas que sirvam para a diversidade de adolescentes que compõem a escola.

No que diz respeito à construção da identidade e à busca por ajuda dentro da escola, também é preciso reconhecer o papel fundamental da equipe que gerencia a escola, de forma especial o Orientador ou Orientadora Educacional, que está ali, justamente, para oferecer o suporte de que o estudante e a estudante necessitam para fazer proveito do que é trabalhado na escola. Para Reis (2011, p. 12),

Ele trabalha diretamente com os alunos, ajudando-os em seu desenvolvimento pessoal; em parceria com os professores, para compreender o comportamento dos estudantes e agir de maneira adequada em relação a eles; com a escola, na organização e realização da proposta pedagógica; e com a comunidade, orientando, ouvindo e dialogando com pais e responsáveis.

Nesse viés, vale ressaltar que não é apenas com o estudante ou com a estudante que o Orientador ou a Orientadora Educacional interage, mas com toda a comunidade escolar, em benefício de uma educação plena. Um grande movimento pode ser desencadeado pelo olhar cuidadoso do Serviço de Orientação Educacional, mas é preciso que este esteja, também, disposto e atento no momento certo. Porque ao falarmos sobre adolescentes, não podemos deixar de lado outras tantas conexões importantes que podem e precisam ser estabelecidas ao redor para que se sintam importantes e não anormais. O contato com os professores, as professoras e as famílias, no sentido de conscientizá-los sobre a diversidade, é fundamental para que a escola assuma seu papel social efetivamente.

Conforme Reis (2011, p. 13),

[...] o ambiente educativo deverá levar em conta desafios, tais como: olhar para o adolescente na sua necessidade de desenvolvimento, na consolidação da identidade e da capacidade de interrelação; catalisar o seu processo de descoberta de si próprio como pessoa única, valiosa, digna; possibilitar o contato, pessoal e estável, com figuras significativas, bem

como o confronto com valores, atitudes e ideais que poderão dar sentido e objetivos à sua vida.

A escola não existe, pois, por outra razão que não seja o aluno e a aluna. Nada do que se faz dentro dos espaços escolares é feito em benefício de outro grupo que não o de alunos e alunas: então, que a escola esteja disponível a abraçar estes alunos e estas alunas em sua totalidade. Que permita a experiência em todos os sentidos. Que esteja disponível a possibilitar a diversidade. Que tenha coragem para enfrentar as críticas, mas muito mais coragem para garantir que todos e todas se sintam bem, com voz e representados, sempre.

A partir dessas considerações, delineia-se o presente estudo, que será apresentado no próximo capítulo espaço em que explicitarei o processo metodológico da pesquisa.

4 METODOLOGIA

Este estudo pretende servir como espaço de manifestação para estudantes LGBT+, que estejam ou não matriculados ou matriculadas em uma escola de Educação Básica, a fim de que possam ter voz e retratar suas vivências dentro do espaço escolar, além de manifestar, sob sua ótica, o papel dos professores e das professoras e da escola como um todo no que diz respeito à diversidade. A partir disso, objetiva-se problematizar a forma como os aspectos da orientação sexual são abordados/contemplados no contexto escolar, refletindo sobre os aspectos inerentes à experiência e à representatividade como caminho para a garantia do direito à educação em plenitude, conforme prevê a Constituição Federal de 1988.

4.1 Procedimentos metodológicos

Conforme exposto ao longo deste trabalho, a pesquisa tem como principal objetivo problematizar a forma como os aspectos da orientação sexual são abordados/contemplados no contexto escolar, mas também objetiva, implicitamente, dar voz a estudantes LGBT+, garantindo-lhes um espaço de escuta. Para tanto, precisei pensar em uma metodologia que tivesse um bom alcance e permitisse a participação de um grande número de pessoas. Havia cogitado a possibilidade de trabalhar com entrevistas pessoais e particulares, entretanto o campo seria mais restrito e impediria que eu conseguisse obter uma percepção melhor sobre a realidade. Assim, encontrei nos formulários do Google uma saída para o impasse, já que se trata de uma ferramenta atual, de fácil alcance e com inúmeras funcionalidades que permitiram a organização de um questionário de qualidade para a coleta de dados.

O questionário foi dividido, em um primeiro momento em duas partes: a primeira com questões objetivas; a segunda com espaço aberto. A fim de conseguir atingir um grande número de respondentes, este formulário foi disponibilizado na rede social Facebook, das 14 horas do dia 24 de março de 2018 até as 23 horas do dia 31 de março de 2018. Encerrado o tempo de respostas, o formulário foi fechado para a organização dos dados coletados e para o início das análises. Tendo em vista o tempo em que ficou na rede social, somou-se um total de 217 questionários,

sendo 108 aproveitáveis, já que apenas vozes LGBTQ+ foram consideradas para a pesquisa.

Assim, na primeira categoria (Informações básicas), os entrevistados e as entrevistadas se depararam com as seguintes questões e opções de resposta:

a) Tu és LGBTQ+?

- Sim;

- Não.

b) Qual é a tua orientação sexual?

- Homossexual;

- Bissexual;

- Assexual;

- Pansexual;

- Heterossexual.

c) Com qual gênero tu te identificas?

- Feminino;

- Masculino;

- Bi-gênero;

- Pangênero;

- Transgênero.

A fim de direcionar melhor a pesquisa, caso o entrevistado ou a entrevistada respondesse que não pertencia à comunidade LGBTQ+ na primeira pergunta, o formulário já se encerrava, visto que as questões na sequência eram bastante específicas.

Na segunda categoria (Do início aos dias de hoje), apresentei as seguintes perguntas com suas respectivas opções de resposta:

a) Como foi o processo de descoberta?

- Foi fácil, pois consegui lidar tranquilamente com a situação;

- Foi difícil, pois não sabia ao certo o que estava acontecendo.

b) Conseguiste contar a alguém?

- Sim. Alguém da família;

- Sim. Algum amigo;

- Não. Preferi esconder, porque tive medo da reação da minha família;

- Não. Preferi esconder, porque não me sentia seguro em relação à opinião de outras pessoas.

c) Como lidas com isso hoje em dia?

- Lido tranquilamente, sem receio do que possam pensar;
- Lido tranquilamente, mas tenho receio do que possam pensar;
- Não consegui externar ainda, porque minha família não me aceitaria;
- Não consegui externar ainda, porque tenho medo de sofrer com o preconceito;
- Nunca vou externar isso, porque estou em um relacionamento heterossexual e ninguém desconfia.

A primeira e a terceira questões foram de múltipla-escolha, enquanto a segunda, que tratava do compartilhamento, permitia múltiplas respostas, já que poderia ter comunicado à diferentes pessoas de seu convívio.

A terceira categoria (O papel da escola e do corpo docente) versava especificamente sobre a temática desta pesquisa, com as seguintes questões e opções de resposta:

a) Na escola de educação básica (Ensino Fundamental e/ou Ensino Médio), teus (tuas) professores (as) abordavam questões sobre orientação sexual?

- Sim. Os (as) professores (as) abordavam essas questões com bastante aprofundamento;
- Sim. Os (as) professores (as) abordavam essas questões, mas com pouco aprofundamento;
- Apenas um (uma) ou alguns (algumas) professores (as) abordavam essas questões, preocupados (as) com o assunto;
- Não. Nunca foi falado sobre orientação sexual na escola.

b) Tu te sentias representado (a) na escola, tendo voz e sendo ouvido (a)?

- Sim. As discussões sobre diversidade permitiam que eu me sentisse representado (a) e pudesse me expressar.
- Não. A ausência de discussões sobre diversidade fazia com que eu me sentisse reprimido (a) e precisasse ficar quieto/isolado.

c) Tu achas importante que todos os alunos se sintam representados, tenham voz e sejam ouvidos no espaço escolar?

- Sim. É imprescindível que todos os alunos se sintam pertencentes ao espaço escolar e, assim, importantes;
- Não. Penso que isso não tem relevância na escola.

Em uma quarta categoria (A violência, a discriminação e o preconceito), que também versava sobre a temática do trabalho de forma mais específica, os entrevistados ou as entrevistadas foram convidados ou convidadas a responder as seguintes questões com suas respectivas opções de resposta:

a) Tu já sofreste algum tipo de violência/discriminação/preconceito por parte dos teus colegas?

- Sim;
- Não.

b) Caso a resposta anterior tenha sido positiva, a violência foi verbal ou física?

- Verbal;
- Física;
- A resposta anterior foi negativa.

c) Ainda em caso de resposta positiva, conseguiste solucionar o problema de alguma forma?

- Consegui recorrer a algum (a) professor (a), ao Serviço de Orientação Educacional ou à Direção da Escola e tive o problema solucionado;
- Consegui recorrer a algum (a) professor (a), ao Serviço de Orientação Educacional ou à Direção da Escola, mas não tive o problema solucionado;
- Não consegui recorrer a ninguém e carrego isso até hoje comigo;
- A resposta foi negativa.

d) Tu já sofreste discriminação/preconceito por parte de algum (a) professor (a)?

- Sim;
- Não.

e) Caso a resposta anterior tenha sido positiva, conseguiste solucionar o problema de alguma forma?

- Consegui recorrer a algum (a) outro (a) professor (a), ao Serviço de Orientação Educacional ou à Direção da Escola e tive o problema solucionado;
- Consegui recorrer a algum (a) outro (a) professor (a), ao Serviço de Orientação Educacional ou à Direção da Escola, mas não tive o problema solucionado;
- Não consegui recorrer a ninguém e carrego isso até hoje comigo;
- A resposta anterior foi negativa.

Na quinta e última categoria (Tua perspectiva de escola), havia apenas uma pergunta, que segue com as opções de resposta:

a) Tu achas que a escola tem papel importante no que diz respeito à erradicação do preconceito, à promoção da diversidade e ao apoio a alunos (as) LGBT+?

- Sim. Acredito que a escola tem papel fundamental neste sentido, visto que se trata de um espaço educacional democrático. Deve assumir a responsabilidade social de lutar contra o preconceito, de promover a diversidade e de apoiar os (as) alunos (as) LGBT+ no que for preciso para que se sintam representados (as), tenham voz e sejam ouvidos (as) sempre;

- Em parte, sim. Mas acredito que a escola não deva elencar esse assunto como prioridade, já que deve se preocupar com o ensino dos conteúdos;

- Não. Acredito que a escola não seja espaço para isso.

Esta parte objetiva, ou seja, as cinco categorias, serão analisadas a partir de aspectos quantitativos. Estes serão organizados em gráficos tendo em vista as 15 perguntas feitas. Em seguida, cada gráfico será analisado de maneira qualitativa, a partir de um exercício reflexivo, contemplando a voz e a representatividade manifestadas pelos participantes e pelas participantes da pesquisa, com base em um espaço aberto, disponibilizado no final do formulário.

Por fim, conforme exposto anteriormente, os entrevistados e entrevistadas tinham a opção de escrever sobre suas experiências, sobre seus anseios e sobre como percebem a questão da orientação sexual atrelada com o trabalho das escolas de educação básica. Este espaço aberto era opcional e, não se sentido à vontade para escrever, o entrevistado ou a entrevistada poderia enviar o formulário.

Assim, o espaço aberto tinha como questão: “Caso te sintas à vontade, escreva algum depoimento aqui embaixo. Não te esqueças que, acima de tudo, meu TCC é espaço de escuta”. Aqui, saliento que nas análises, mantereí a grafia apresentada pelos respondentes, conservando palavras e/ou expressões que possam representar algum significado particular.

5 EXPERIÊNCIA: POSSIBILIDADE DE SER E ESTAR NO MUNDO

Neste primeiro momento, apresentarei a análise motivada pela abordagem de caráter quantitativo. As figuras e os comentários sobre cada uma têm como base o formulário de perguntas do Google, os gráficos disponibilizados pela plataforma e os percentuais calculados a partir das respostas dos participantes e das participantes. Os subcapítulos abarcarão o conteúdo de cada uma das categorias do formulário, já apresentadas nos procedimentos metodológicos desta pesquisa.

5.1 Perfil dos entrevistados e das entrevistadas

Figura 1 – Tu és LGBT+?



Fonte: Formulários Google (2018)

A primeira pergunta do formulário tinha como objetivo selecionar os participantes e as participantes que permaneceriam na pesquisa, já que se trata de um trabalho direcionado. E embora a divulgação do formulário tenha sido bastante explícita quanto à população que poderia contribuir com suas manifestações, é importante visualizar a porcentagem de pessoas não-LGBT+ que se dispuseram a participar: colocar o número.

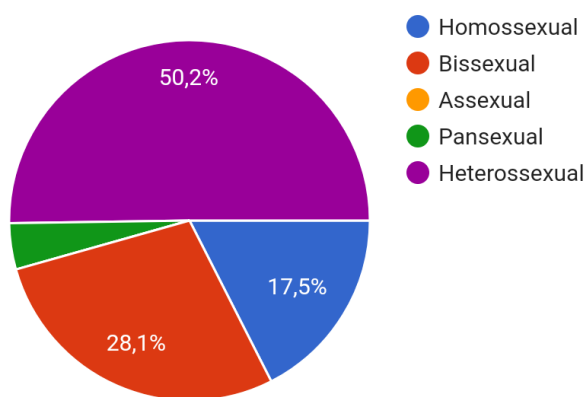
Sua motivação pode ter partido da vontade em ajudar-me, da falta de compreensão ou até mesmo por não terem lido o parágrafo de divulgação e, ainda,

por que não, da curiosidade em saber do que se tratava de fato a pesquisa. De qualquer forma, a primeira pergunta ainda não era a pergunta de filtragem, o que me tensiona a acreditar que continuar na pesquisa tenha partido da curiosidade das pessoas.

Figura 2 – Qual é a tua orientação sexual?

Qual é a tua orientação sexual?

217 respostas



Fonte: Formulários Google (2018)

A segunda pergunta do formulário versava sobre a orientação sexual. Estavam disponíveis como opção de resposta cinco classificações que foram preenchidas da seguinte forma:

- a) heterossexual (50,5%, ou 109 pessoas);
- b) bissexual (28,1%, ou 61 pessoas);
- c) homossexual (17,5%, ou 38 pessoas);
- d) pansexual (4,1%, ou 9 pessoas);
- e) assexual (0%, ou ninguém).

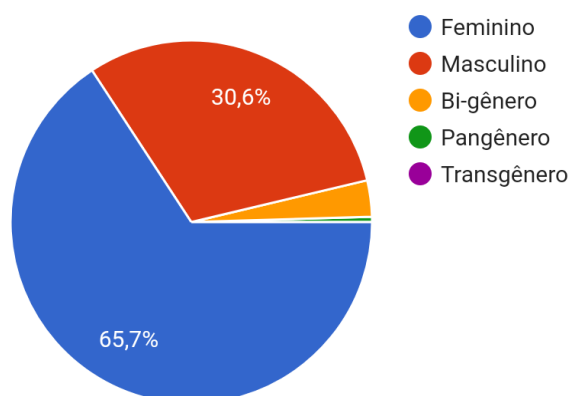
É intrigante observar que mais da metade dos participantes e das participantes declaram ser heterossexuais; isso em uma pesquisa voltada especificamente à comunidade LGBTQ+. Da mesma forma, o número de bissexuais foi maior em relação ao de homossexuais. Acredito em uma evolução das pessoas

no que diz respeito a estar aberto a novas possibilidades, porque o preconceito nunca foi apenas contra homossexuais, por exemplo. Mas contra a comunidade LGBT+, da qual fazem parte os bissexuais, e que acabam ficando esquecidos, também por preconceito, inclusive de outros LGBT+ que julgam esta orientação sexual como uma “confusão passageira”.

Figura 3 – Com qual gênero tu te identificas?

Com qual gênero tu te identificas?

216 respostas



Fonte: Formulários Google (2018)

Quando questionados ou questionadas sobre o gênero⁷ com o qual se identificavam, os entrevistados e entrevistadas também puderam optar por uma entre cinco possibilidades de resposta. Os resultados se apresentaram assim:

- a) feminino (65,7%, ou 142 pessoas);
- b) masculino (30,6%, ou 66 pessoas);
- c) bi-gênero (3,2% ou 7 pessoas);
- d) pangenero (0,5%, ou 1 pessoa);
- e) transexual (0%, ou ninguém).

⁷ Entende-se por gênero a forma como o indivíduo se identifica no mundo (feminino ou masculino), independentemente do sexo biológico (macho ou fêmea). Há, da mesma forma, os/as que se identificam com mais de um gênero, ou, ainda, com nenhum.

Aqui, vale ressaltar a curiosa e massiva participação feminina na pesquisa, que foi quase maior do que o dobro de todos os outros grupos juntos. Fato este que nos convida a refletir sobre a disparidade tão evidente: por que o número é tão maior? Seria este um reflexo preciso da realidade ou apenas uma coincidência?

Percebo, no cotidiano da sociedade, que, para muitos, a homossexualidade feminina é aceitável, enquanto todo o restante não. Mas é importante ressaltar que essa observação não é positiva: longe disso. Há muitos homens, pasmem, que enxergam a relação homossexual entre duas mulheres como um fetiche sexual e, por isso, “aceitam” melhor essa situação. Por outro lado, incentivados por uma sociedade patriarcal, não admitem que dois homens possam se relacionar afetiva e/ou sexualmente. Embora tratem tudo como uma “aberração”, ponderam quando o assunto são duas mulheres.

Quero ressaltar também a possibilidade da coragem. Embora tenha sido esclarecido previamente que a pesquisa seria anônima, é possível que muitos tenham deixado de participar com o receio de que, de alguma forma, pudessem estar sendo expostos. Guardar para si sua orientação sexual é a realidade de muitos e muitas, infelizmente. Tudo por causa do preconceito e do medo da violência.

A primeira categoria de perguntas do formulário servia para conhecer o público participante. Era a oportunidade de assumir, mesmo que anonimamente, uma identidade que, muitas vezes, permanece guardada no dia a dia. E retomando o campo que trata do gênero, também quero lembrar a aceitação por parte da família. Para muitas, a homossexualidade feminina é uma fase que passa e, por isso, não é cortada de imediato, enquanto que a masculina precisa ser interrompida tão rápido seja possível. Mas, como sabemos, a orientação sexual não passa ou muda e esse tempo permitido para a experiência pode contribuir ou para a aceitação ou para problemas na vida adulta.

Como se tratava de uma pesquisa direcionada, este primeiro bloco de perguntas selecionava os entrevistados e entrevistadas que poderiam seguir para as próximas perguntas e os ou as que partiriam diretamente para a última página, a de agradecimento pela participação no questionário. As próximas questões são especificamente sobre a temática do trabalho, visando oportunizar um espaço de voz para estudantes LGBT+.

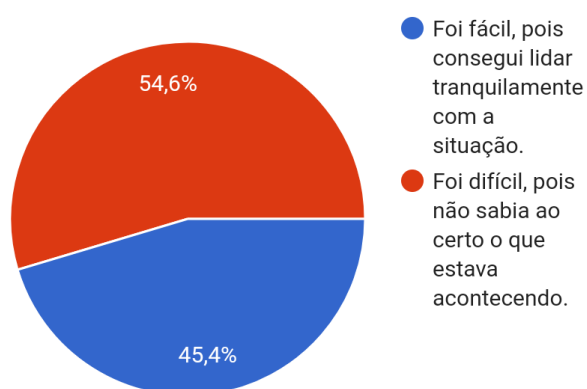
5.2 Descoberta: aceitação e manifestações

Neste segundo bloco de perguntas, os entrevistados e entrevistadas optavam pelas respostas que melhor caracterizavam seu processo individual de descoberta. Conforme exposto anteriormente, a partir desta etapa, apenas os entrevistados ou as entrevistadas pertencentes à comunidade LGBTQ+ responderam aos questionamentos, o que reduziu o número de participantes para 108.

Figura 4 – Como foi o processo de descoberta?

Como foi o processo de descoberta?

108 respostas



Fonte: Formulários Google (2018)

Perguntados sobre o processo de descoberta (Figura 4), 54,6% dos participantes e das participantes (ou 59 pessoas) responderam que foi difícil, pois não sabiam ao certo o que estava acontecendo. Por outro lado, 45,4% (ou 49 pessoas) responderam que foi fácil, pois conseguiram lidar tranquilamente com a situação. Embora o número esteja longe do ideal, já que ninguém deveria ter passado por um processo árduo, o número de respostas positivas me salta aos olhos justamente por ser diferente do que nos é comum. Vemos tantas situações

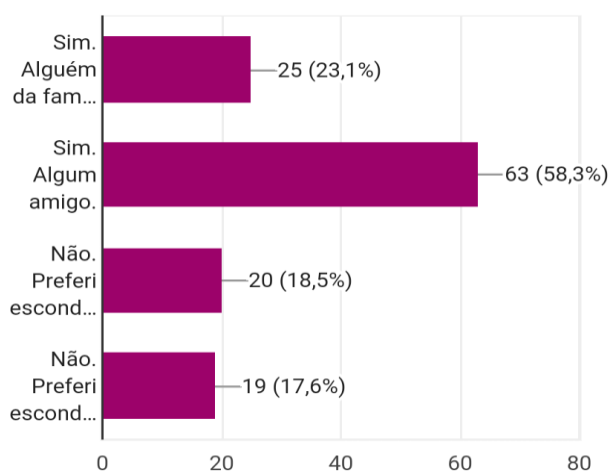
tristes no cotidiano que acabamos esquecendo que, felizmente, em algum lugar, para alguém, não está sendo tão difícil.

Ainda assim, é importante observar que para muitos outros e outras o processo não foi simples, apresentando obstáculos que, possivelmente, causaram transtornos em um momento tão importante e delicado. Transtornos que possivelmente tenham refletido em sua vida ou ainda estejam refletindo. E de forma negativa, o que é pior e mais lamentável.

Figura 5 – Conseguiste contar a alguém?

Conseguiste contar a alguém?

108 respostas



Fonte: Formulários Google (2018)

A Figura 5 mostra o gráfico com o percentual da questão que oportunizava ao participante e à participante marcar mais de uma resposta, posto que perguntava se ele ou ela conseguiu contar a alguém sobre a descoberta da orientação sexual. Os resultados foram os seguintes:

- a) 58,3% dos entrevistados e entrevistadas (ou 63 pessoas) conseguiram contar a algum amigo ou amiga;
- b) 23,1% (ou 25 pessoas) conseguiram contar a alguém da família;

c) 18,5% (ou 20 pessoas) preferiram esconder, porque tiveram medo da reação da família;

d) 17,6% (ou 19 pessoas) preferiram esconder, porque não se sentiram seguros ou seguras em relação à opinião e outras pessoas.

Embora o número de pessoas que contaram a alguém da família tenha sido relativamente alto, saliento o expressivo número de pessoas que contaram a um amigo ou amiga. A relação de confiança estabelecida pela amizade, especialmente na escola, é um importante e decisivo fator no processo de descoberta da sexualidade. Para Reis (2011, p. 10),

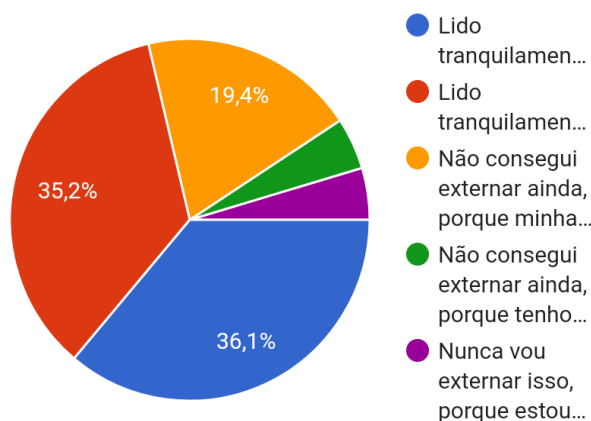
Com a crise de identidade, o adolescente parte em busca de identificações, encontrando outros iguais e formando seus grupos. A necessidade de dividir suas angústias e padronizar suas atitudes e idéias, faz do grupo um lugar privilegiado, pois nele há uma uniformidade de comportamentos, pensamentos e hábitos. A escola pode ser o lugar onde o adolescente inicia todas as suas descobertas e frustrações, não somente o conhecimento e o aprender.

Da mesma forma, é necessário observar o percentual de pessoas que esconderam da família por medo e de outras pessoas também por receio. Tenho uma certa dificuldade em compreender como uma família pode não aceitar um filho ou uma filha da forma que ele ou ela seja. E, na mesma intensidade, não compreendo como as pessoas podem querer interferir na vida umas das outras. O preconceito de que toda essa pesquisa trata tem, infelizmente, o poder de acabar com a vida das pessoas.

Figura 6 – Como lidas com isso hoje em dia?

Como lidas com isso hoje em dia?

108 respostas



Fonte: Formulários Google (2018)

Perguntados sobre como lidam com isso hoje em dia, os participantes e as participantes da pesquisa poderiam optar por uma entre cinco opções de resposta, elegendo a que melhor contemplasse a sua realidade. Dessa forma, responderam que:

- a) 36,1% (ou 39 pessoas) conseguem lidar tranquilamente com a situação;
- b) 35,2% (ou 38 pessoas) conseguem lidar tranquilamente com a situação, mas têm receio do que os outros possam pensar;
- c) 19,4 (ou 21 pessoas) não conseguiram externar ainda, porque a família não aceitaria;
- d) 4,6% (ou 5 pessoas) não conseguiram externar ainda com medo do preconceito;
- e) 4,6% (ou 5 pessoas) nunca externarão, porque se encontram em um relacionamento heterossexual e ninguém desconfia de sua sexualidade.

A análise desta pergunta motiva algumas reflexões importantes. Mais da metade dos entrevistados e entrevistadas referem lidar com a situação tranquilamente, embora alguns ou algumas tenham manifestado também o receio

sobre o pensamento das pessoas, motivados ou motivadas, muito provavelmente, pelo preconceito instaurado na sociedade e que acaba impedindo as pessoas de serem plenamente livres. No mesmo sentido, é importante observar as 21 pessoas que ainda não conseguiram manifestar sua orientação sexual por falta de aceitação da família. Não consigo desassociar, neste caso, a família dos preceitos religiosos passados de geração em geração e conservados pelas igrejas cristãs que insistem em não promover o amor. Por fim, chamam a atenção os 5 entrevistados ou entrevistadas que não assumiram ainda a sua sexualidade por medo do preconceito e os outros ou outras 5 que não pretendem fazer isso nunca em virtude de estarem em um relacionamento heterossexual. Aqui, a motivação pode estar atrelada também a um preconceito individual e particular, permeado de crenças e, por que não, de influências familiares e/ou religiosas também.

Esse primeiro bloco de perguntas, relacionadas ao processo de descoberta, está permeado, parece-me, de aspectos ligados ao preconceito, às crenças religiosas e ao medo/receio da não aceitação. É triste pensar que tudo isso já foi pior do que é hoje, mas é ainda mais triste perceber que comportamentos extremamente ultrapassados ainda permeiem a vida das pessoas. É neste sentido que esta pesquisa se desenvolve: em desacomodar os pensamentos. É necessário que as pessoas comecem a enxergar a realidade com outros olhos. É preciso que se permitam compreender a verdade e extirpar as crenças carregadas de doutrinas preconceituosas. Aliás, é imprescindível que as pessoas passem a agir por si próprias, esquecendo os falsos ensinamentos sobre “moral e bons costumes” passados de geração em geração por quem nada sabia e ainda nada sabe sobre a sexualidade humana.

É nesta direção que a escola, especialmente a de educação básica, tem papel fundamental: oportunizar que se conheça o diferente da forma correta, livre de crenças, para que cada um perceba, por si só, que a dessemelhança pode atrair o bem.

5.3 Escola, voz e representatividade

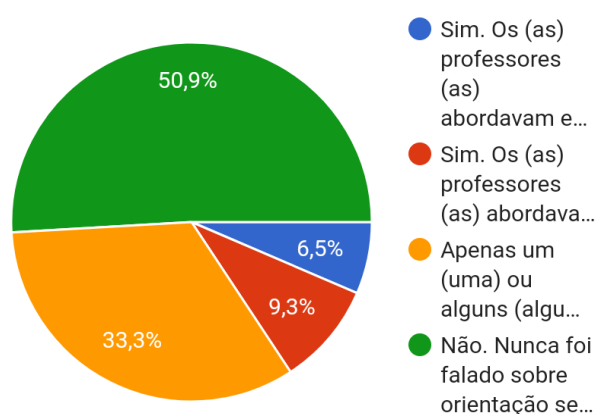
Neste bloco de perguntas, as questões, com quatro opções de resposta, diziam respeito ao espaço oportunizado pelas escolas para as discussões sobre

orientação sexual e sobre seu papel no acolhimento dos alunos e no apoio de que necessitam.

Figura 6 – Na escola de Educação Básica (Ensino Fundamental e/ou Ensino Médio), teus (tuas) professores (as) abordavam questões sobre orientação sexual?

Na escola de educação básica (Ensino Fundamental e/ou Ensino Médio), teus (tuas) professores (as) abordavam questões sobre orientação sexual?

108 respostas



Fonte: Formulários Google (2018)

Para a primeira questão, o percentual das respostas foi:

a) 50,9% dos participantes e das participantes (ou 59 pessoas) responderam que nunca foi falado sobre orientação sexual na escola;

b) 33,3% (ou 36 pessoas) referiram que apenas um (uma) ou alguns (algumas) professores (as) abordavam essas questões e se preocupavam com o assunto;

c) 9,3% (ou 10 pessoas) responderam que os (as) professores (as) abordavam, mas sem aprofundamento;

d) 6,5% (ou 7 pessoas) responderam que os (as) professores (as) abordavam as questões com bastante aprofundamento.

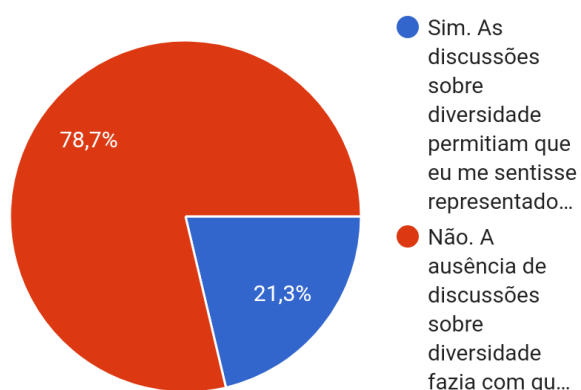
Infelizmente, as respostas retratam exatamente a realidade que percebo de muitas escolas. Mais da metade dos entrevistados e entrevistadas jamais ouviu falar sobre orientação sexual na escola, o que significa que dos 108 entrevistados ou das entrevistadas, 59 nunca se sentiram pertencentes ao espaço em que viviam. Mas a escola não deve ser um espaço democrático? De que forma pode haver uma democracia quando um grupo fica oprimido e precisa se curvar diante de outro?

Podemos observar que apenas 7 pessoas discutiram o assunto com a devida importância na escola e outras 10, provavelmente, discutiram uma ou outra vez. São 17 nesta parcela de pessoas que participaram da pesquisa. Quantos outros e quantas outras sequer tiveram a oportunidade de manifestar a sua realidade aqui? Quantos outros e quantas outras ficaram e permanecem esquecidos e esquecidas em cantos pelas salas de aula?

Figura 7 – Tu te sentias representado (a) na escola, tendo voz e sendo ouvido (a)?

Tu te sentias representado (a) na escola, tendo voz e sendo ouvido (a)?

108 respostas



Fonte: Formulários Google (2018)

Perguntados e perguntadas especificamente sobre a representatividade, tema central desta pesquisa, os participantes e as participantes responderam que:

a) 21,3% (ou 23 pessoas) se sentiam representados e representadas na escola por conta das discussões sobre diversidade;

b) 78,7% (ou 85 pessoas) não se sentiam representados ou representadas na escola pela ausência dessas discussões, fato que fazia com que se sentissem oprimidos ou oprimidas e precisassem ficar quietos/isolados em sala de aula.

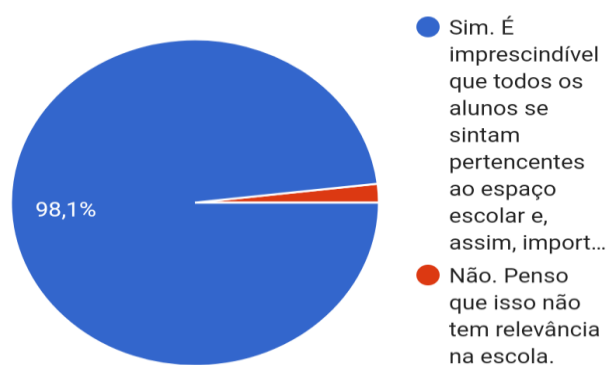
O contraste, que pode ser visualizado melhor na Figura 7, é desolador. Retrato de um sistema educacional que privilegia determinados grupos em detrimento dos que mais precisam de atenção e apoio. Imagem de uma escola seletiva e despreocupada com seus alunos e alunas, que não ensina, que não educa, que não acolhe, mas que apenas serve de espaço para aquilo que não pode haver em uma instituição de ensino: o preconceito.

A verdade é que falta formação e consciência. Tanto para docentes, quanto para discentes. A falta de formação incentiva que as pessoas continuem reafirmando seus preconceitos e discriminando quem está ao seu redor por falta de conhecimento. A falta de consciência motiva as pessoas a praticar o que pode haver de mais cruel no ser humano: o ódio. Urge que as escolas sejam espaço de representatividade e, por isso, conscientização, para que, aos poucos, as experiências sejam outras, as reflexões sejam mais apuradas e a realidade seja diferente.

Figura 8 – Tu achas importante que todos os alunos se sintam representados, tenham voz e sejam ouvidos no espaço escolar?

Tu achas importante que todos os alunos se sintam representados, tenham voz e sejam ouvidos no espaço escolar?

108 respostas



Fonte: Formulários Google (2018)

A última pergunta do terceiro bloco motivava a refletir sobre a importância da voz e da representatividade na escola. Com duas alternativas de resposta, os resultados foram:

a) 98,1% (ou 106 pessoas) responderam que é imprescindível que todos os alunos se sintam pertencentes ao espaço escolar e, assim, importantes;

b) 1,9% (ou 2 pessoas) referiram pensar que isso não tem relevância na escola.

Causou-me certa inquietação os dados da segunda alínea. Conforme exposto ao longo desta análise, a pesquisa foi direcionada à comunidade LGBTQ+ e, chegando a esta pergunta, lá no início, já foi necessário identificar-se com uma orientação sexual afim. Assumir uma posição contrária ao pertencimento, à representatividade e aos espaços de voz é no mínimo estranho, já que para que haja a promoção do respeito à diversidade é preciso que todos e todas sejam parte fundamental da sala de aula.

Por outro lado, há que se reconhecer a quase totalidade de participantes que optaram pela primeira opção, evidenciando a necessidade da garantia de que todos e todas sejam representados.

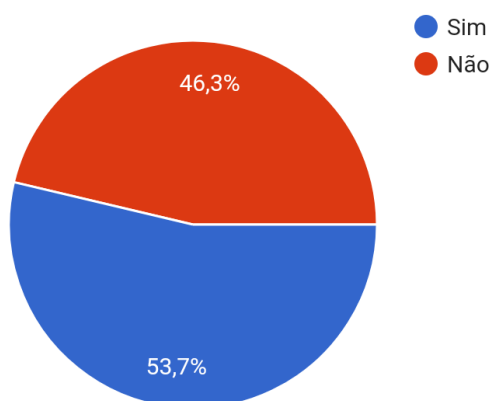
5.4 Violência e preconceito: vilões de uma triste realidade

O quarto bloco de perguntas tratava de algo extremamente delicado, mas pertinente e fundamental para esta pesquisa: as situações de preconceito, violência e discriminação dentro da escola. Os participantes e as participantes foram convidados e convidadas a refletirem sobre suas experiências em sala de aula, lembrando situações que envolviam agressões sofridas por parte de colegas e também por parte de professores ou professoras. Além disso, precisavam avaliar o papel da escola na busca pela solução dos problemas enfrentados.

Figura 9 – Tu já sofreste algum tipo de violência/discriminação/preconceito por parte dos teus colegas?

Tu já sofreste algum tipo de
violência/discriminação/preconceito
por parte dos teus colegas?

108 respostas



Fonte: Formulários Google (2018)

A Figura 9 mostra um contraste preocupante no que diz respeito às situações de agressão ocorridas dentro do âmbito escolar. Com duas opções de resposta, os resultados foram os seguintes:

a) 46,3% dos participantes e das participantes (ou 50 pessoas) responderam que não, nunca sofreram nenhum tipo de agressão na escola;

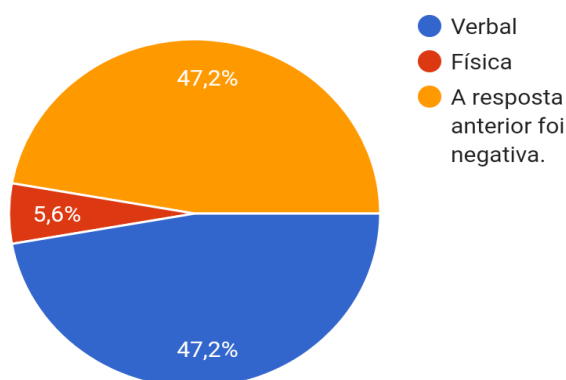
b) 53,7% dos participantes e das participantes (ou 58 pessoas) responderam que sim, já sofreram algum tipo de agressão na escola.

Embora os percentuais estejam muito próximos, é muito significativo o número de pessoas que já passaram por alguma situação desagradável dentro de uma sala de aula ou de um espaço escolar. A violência e o preconceito estão presentes em todos os espaços, todos os dias, mas a escola, enquanto espaço de formação cidadã, precisa estar atenta e combater manifestações discriminatórias no sentido de promover o respeito à diversidade. Muito mais do que ensinar conteúdos programáticos, a escola precisa orientar sobre a vida. Mas sobre a vida de todos e todas, porque a sociedade é um conjunto formado por todos e todas.

Figura 10 – Caso a resposta anterior tenha sido positiva, a agressão foi verbal ou física?

Caso a resposta anterior tenha sido positiva, a violência foi verbal ou física?

108 respostas



Fonte: Formulários Google (2018)

Os resultados apresentados pela Figura 10, descartados os 47,2% de participantes (ou 51 pessoas) que responderam de forma negativa à questão anterior, conservam um considerável grupo de 57 participantes. A partir das opções, os dados coletados foram:

a) 47,2% dos participantes e das participantes (ou 51 pessoas) responderam já ter sofrido algum tipo de violência verbal;

b) 5,6% dos participantes e das participantes (ou 5 pessoas) referiram já ter sofrido algum tipo de violência física.

Qualquer um dos dois resultados é preocupante. Aqueles e aquelas que sofreram agressão física são a amostra a que assistimos todos os dias nos noticiários. Pessoas que são castigadas fisicamente por não obedecerem a um padrão, que são agredidas, apedrejadas, simplesmente por serem diferentes, assim como todos são.

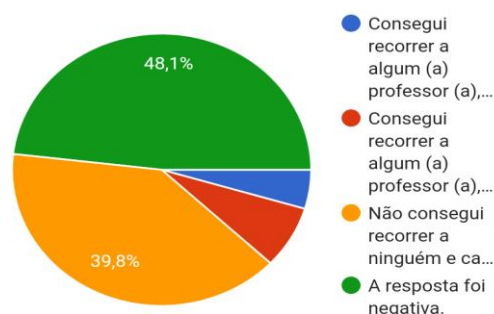
A grande maioria, atingida pelas agressões verbais, representam a amostra daqueles e daquelas que são massacrados, todos os dias, pelas “piadas”, pelas “brincadeiras”, pelo sentimento de superioridade de uns em relação aos outros. Esclareci, na introdução desta pesquisa, o preconceito que eu, o autor, sofri em minha trajetória pela educação básica. Foram quase dez anos ouvindo, diariamente, as mais tristes e dolorosas ofensas. Tudo por não ser igual. Apenas por ser eu mesmo.

Há que se refletir a importância da escola no sentido de promover a conscientização sobre o que é brincadeira e sobre o que ofende. Há que se diferenciar opinião de preconceito. Há que se distinguir o “achismo” do discurso de ódio, que motiva mais e mais pessoas a acabarem com a vida das outras.

Figura 11 – Ainda em caso de resposta positiva, conseguiste solucionar o problema de alguma forma?

Ainda em caso de resposta positiva, conseguiste solucionar o problema de alguma forma?

108 respostas



Fonte: Formulários Google (2018)

Dos resultados obtidos por meio da pergunta da Figura 11, descartados os 48,1% (ou 52 pessoas) que afirmaram terem respondido de forma negativa à questão da Figura 9, há um considerável grupo de 56 participantes que, dividindo-se entre outras três opções de resposta, ofereceram os seguintes dados para a análise:

a) 4,6% dos participantes e das participantes (ou 5 pessoas) responderam ter conseguido recorrer a algum(a) professor(a), ao Serviço de Orientação Educacional ou à Direção da Escola e tiveram o problema solucionado;

b) 7,4% dos participantes e das participantes (ou 8 pessoas) responderam ter conseguido recorrer a algum(a) professor(a), ao Serviço de Orientação Educacional ou à Direção da escola, mas não tiveram seu problema solucionado;

c) 39,8% dos participantes e das participantes (ou 43 pessoas) referiram não ter conseguido recorrer a ninguém e carregam isso até hoje consigo.

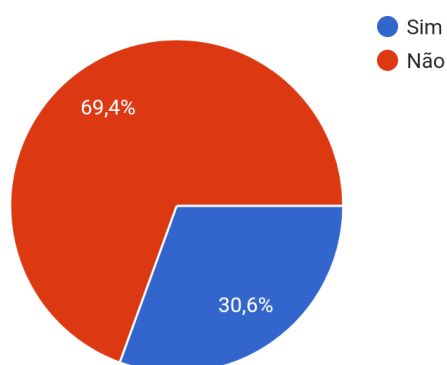
Enquanto 5 pessoas conseguiram buscar ajuda e tiveram o problema solucionado, outras 8 aguardaram por uma resposta que nunca surgiu. Buscando apoio, permaneceram sozinhas, acuadas, esquecidas em algum canto. Confiaram em uma escola que foi permissiva, que se acovardou, que não freou a avalanche de maldades que as fazia mal.

Observe com especial atenção os dados da alínea c, que representam o medo, fator mais desestimulante no processo de procura por ajuda. Como pode uma escola não perceber os anseios de seus alunos e de suas alunas? É lastimável que, no universo desta pesquisa, 43 pessoas jamais tenham conseguido buscar auxílio. É revoltante que não tenham sido vistas, que não tenham se preocupado com elas, que não as percebessem como parte da escola. A coragem para pedir socorro é resultado de todo um ambiente motivador. De uma escola que esteja aberta para ouvir, que permita a todos e a todas a possibilidade da voz, que oportunize representatividade para todas as tribos. Uma escola que não se cale diante da opressão.

Figura 12 – Tu já sofreste discriminação/preconceito por parte de algum(a) professor(a)?

Tu já sofreste discriminação/preconceito por parte de algum (a) professor (a)?

108 respostas



Fonte: Formulários Google (2018)

Felizes os 69,4 dos participantes e das participantes (ou 75 pessoas) que tiveram professores e professoras que fossem conscientes sobre sua função dentro de uma escola. É inadmissível verificar que 30,6% dos participantes e das participantes (ou 33 pessoas) tiveram, em sua trajetória escolar, experiências

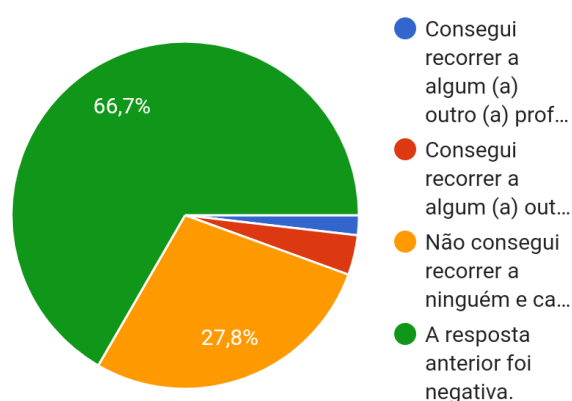
negativas oportunizadas por aqueles e aquelas que deveriam fazer justamente o contrário, enquanto agentes de transformação e ferramentas de conscientização da sociedade.

Ninguém deve praticar nenhum tipo de ato discriminatório ou preconceituoso, mas os alunos e as alunas estão em processo de formação. E quanto aos professores e professoras que, minimamente, cursam ou até já concluíram seus cursos de graduação? Acredito e aposto que a resposta esteja em uma formação falha, com lacunas importantes em aberto. Aposto, na mesma intensidade, que, enquanto a sociedade não mudar seu pensamento, as lacunas permanecerão abertas. Infelizmente.

Figura 13 - Caso a resposta anterior tenha sido positiva, conseguiste solucionar o problema de alguma forma?

Caso a resposta anterior tenha sido positiva, conseguiste solucionar o problema de alguma forma?

108 respostas



Fonte: Formulários Google (2018)

Perguntados e perguntadas sobre a solução do problema exposto pela Figura 12, descartados os 66,7% dos participantes e das participantes (ou 72 pessoas) que

responderam de forma negativa sobre ter sofrido discriminação/preconceito por parte de professores(as), na Figura 13, observamos as seguintes respostas:

a) 1,9% dos participantes e das participantes (ou 2 pessoas) responderam ter conseguido recorrer a algum(a) outro(a) professor(a), ao Serviço de Orientação Educacional ou à Direção da Escola e tiveram o problema solucionado;

b) 3,7% dos participantes e das participantes (ou 4 pessoas) responderam ter conseguido recorrer a algum(a) outro(a) professor(a), ao Serviço de Orientação Educacional ou à Direção da Escola, mas não tiveram o problema solucionado;

c) 27,8% dos participantes e das participantes (ou 30 pessoas) responderam não ter conseguido recorrer a ninguém e carregam isso até hoje consigo.

Retomo aqui o que já foi apresentado na análise da Figura 12 sobre o papel do professor ou da professora no processo educativo. Queria não precisar escrever sobre isso, entretanto a realidade nos surpreende e, embora todos saibamos que a escola precisa zelar pelo cuidado de todos e todas, às vezes nos deparamos com situações desagradáveis. Vejamos que apenas duas pessoas, depois de terem se encorajado para buscar ajuda, enfrentando o agressor ou agressora, conseguiram solução para seu problema. Em um universo de 36 respostas, trata-se de um número assustador e alarmante. E quanto as quatro que não tiveram o problema resolvido? Que tiveram que sair da sala da direção ou da equipe pedagógica e continuar encarando o agressor ou a agressora em seu cotidiano, correndo o risco, inclusive, de sofrer algum tipo de represália? A realidade vivenciada nas salas de aula todos os dias não é diferente do que apresenta esta pequena amostra.

Volto a chamar a atenção para quem não conseguem manifestar suas angústias. Aqui temos 30 pessoas que carregam consigo a dor do silêncio. Alunas e alunos que, por medo das consequências de um pedido de socorro, preferiram guardar na lembrança os traumas produzidos por quem devia lhes proteger. Os mesmos e as mesmas que, conforme outrora exposto, permanecem abandonados.

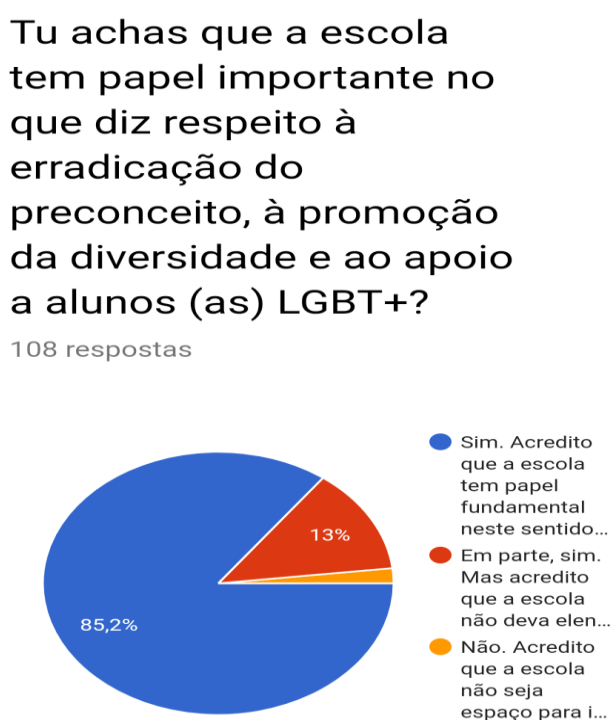
Este bloco de perguntas inquieta, no sentido de (re)pensar o papel do professor e da professora e sua formação. Instiga a refletir sobre a posição docente dentro da sala de aula em relação aos alunos e às alunas. Sobre a relação existente entre os dois grupos. E, principalmente, sobre a confusão que alguns membros do magistério fazem em relação à postura que deveriam adotar. Acabam deixando de lado o instinto de acolher e apoiar para dar espaço à vontade de ser mais, de

exercer o poder e, conseqüentemente, de machucar. Vaidades que matam LGBTs todos os dias.

5.5 A escola e a promoção do respeito à diversidade

O último bloco de perguntas incentivava os entrevistados e as entrevistadas a refletirem especificamente sobre o papel da escola enquanto espaço de erradicação do preconceito, de conscientização sobre o respeito à diversidade e amiga-apoiadora da comunidade LGBT+. Tratava-se de uma única pergunta, com três alternativas de resposta.

Figura 14 – Tu achas que a escola tem papel importante no que diz respeito à erradicação do preconceito, à promoção da diversidade e ao apoio a alunos (as) LGBT+?



Fonte: Formulários Google (2018)

A Figura 14 apresenta os seguintes dados percentuais:

a) 85,2% dos participantes ou das participantes (ou 92 pessoas) responderam acreditar que a escola tem papel fundamental neste sentido, visto que se trata de um

espaço educacional democrático. Deve assumir o papel social de lutar contra o preconceito, de promover a diversidade e de apoiar os(as) alunos(as) LGBT+ no que for preciso, para que se sintam representados(as), tenham voz e sejam ouvidos(as) sempre;

b) 13% dos participantes e das participantes (ou 14 pessoas) responderam acreditar em parte, referindo que a escola não deveria elencar esse assunto como prioridade, já que deveria se preocupar com o ensino dos conteúdos;

c) 1,9% dos participantes e das participantes (ou 2 pessoas) responderam acreditar que a escola não seja espaço para isso.

A ampla maioria dos participantes ou das participantes percebem a escola como espaço de promoção da diversidade e de erradicação do preconceito. Opinião esta que, acredito, deveria ser de todos os cidadãos e todas as cidadãs. Entendem o espaço escolar como democrático e, assim, de todos e todas, independentemente, no caso, de orientação sexual. Pensam que a escola precisa abordar o assunto, oportunizando que todos e todas se sintam representados e representadas, e tenham voz para se expressar.

Sob uma perspectiva distinta, percebemos 14 participantes que enxergam a escola como o ambiente tradicional de outras décadas. Espaço de aprendizado e reprodução de conteúdos. Estes e estas defendem a abstenção das instituições educacionais no que diz respeito às competências humanas, ao menos não tratando isso como prioridade. No mesmo sentido, é importante salientar as 2 pessoas que não consideram a escola lugar para este tipo de discussão. Agora, pensemos, que outro lugar seria adequado para tratar, de forma neutra, aspectos da sexualidade? A família ou a igreja? Repleta de suas crenças e doutrinas? Questões intrigantes, mas reais e pertinentes.

5.6 Desacomodando pensamentos: uma síntese possível

A análise quantitativa vislumbrou apresentar, por intermédio também dos gráficos contidos nas figuras, os contrastes resultantes das contribuições de cada um dos e cada uma das participantes da pesquisa. Objetivou-se, de fato, inquietar os leitores e leitoras desta pesquisa sobre a situação da comunidade LGBT+ dentro dos espaços escolares, e, para aqueles e aquelas que já saíram do sistema

educacional, sobre os reflexos produzidos em suas vidas a partir das experiências do passado.

Neste sentido, é importante observar o que diz Reis (2011, p. 13) quando refere o ambiente educativo:

[...] deverá proporcionar ao adolescente a possibilidade do encontro consigo mesmo, num contexto simultaneamente protegido e aberto, que lhe dê todo o tempo de ir consolidando como pessoa, sem ter que esconder ou recalcar, ou converter em agressividade descontrolada, as suas fragilidades, dúvidas e descobertas.

Diante desta síntese, a partir dos resultados apresentados nos gráficos, urge que as instituições de ensino estejam dispostas e preparadas para atender seus alunos e alunas em todos os sentidos, já que, em inúmeras situações, famílias e sociedade depositam sobre a escola a responsabilidade de auxiliar crianças e adolescentes em seu processo de construção da identidade. Estes, por sua vez, enxergam seus professores e professoras e a equipe escolar como um todo como a última fagulha de esperança em relação ao socorro de que precisam para se perceberem cidadãos completos ou cidadãs completas.

A diversidade sexual não pode mais ser percebida como antigamente, em que a julgavam inexistente ou, então, uma anomalia psiquiátrica. As diferentes possibilidades de orientação sexual são, felizmente, uma realidade, já que oportunizam a garantia de que todas as pessoas possam se identificar com a que julgarem adequada. Complexo é o processo que se estabelece até o encontro com as respostas para as questões que permeiam a mente de jovens nesta fase da vida. Pior ainda quando este caminho precisa ser feito sozinho, sem apoio ou orientação.

O Ministério da Educação, em um de seus documentos que norteiam as ações nas escolas, sugere que esta precisa:

[...] trabalhar o esclarecimento e a problematização de questões que favoreçam a reflexão e a resignificação das informações, emoções e valores recebidos e vividos no decorrer da história de cada um, que tantas vezes prejudicam o desenvolvimento de suas potencialidades. Ressalta-se a importância de se abordar a sexualidade da criança e do adolescente não somente no que tange aos aspectos biológicos, mas também e principalmente aos aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos e psíquicos dessa sexualidade. (BRASIL, 1997, p. 87).

As situações lamentáveis colocadas pelos participantes da pesquisa poderiam ter sido evitadas, ou mesmo minimizadas, por práticas pedagógicas que levassem

em consideração a diversidade de alunos e alunas presentes nas salas de aula. Vale salientar que o trecho supracitado foi extraído dos Parâmetros Curriculares Nacionais, em seus Temas Transversais, único documento oficial do governo federal que abrange a sexualidade, de forma muito genérica. Abordar a sexualidade na escola, a partir do que foi possível vislumbrar nesta etapa da pesquisa, é fundamental para que as experiências possam ter espaço nesse ambiente, as dúvidas possam ser sanadas e para que todos e todas possam se sentir representados ou representadas e respeitados ou respeitadas em relação a sua identidade afetiva.

6 EXERCITANDO A ESCUTA: AS VOZES QUE FALAM

Aqui, apresentarei a análise motivada pela abordagem de caráter qualitativo, baseada nos 24 depoimentos deixados em um espaço aberto (ANEXO A) para a manifestação dos participantes e das participantes do formulário de perguntas. Depois de terem respondido às questões, alguns e algumas se sentiram à vontade para compartilhar experiências vivenciadas na escola. Além disso, e principalmente, o espaço aberto serviu de ferramenta para que pudessem falar, com a certeza de que alguém (nós) os ouviria sem fazer julgamentos.

Dividirei as análises em quatro subcapítulos, com os mesmos títulos dos que constavam no capítulo 5. Esta estratégia permite que algumas associações sejam feitas, à medida que a temática e a urgência dos assuntos também chamam a atenção nesta etapa da pesquisa. Lembro que todas as abordagens têm associação com a escola e com a educação como um todo. Por fim, como fechamento, apresentarei um último subcapítulo, apresentando uma síntese das ideias.

Optarei, aqui, por chamar os entrevistados e entrevistas de “VOZ 1”, “VOZ 2”, “VOZ 3” e assim sucessivamente, permitindo que exercitemos, verdadeiramente, todos juntos, a faculdade da escuta.

6.1 Descoberta: aceitação e manifestações

O processo de descoberta da sexualidade e de sua aceitação é bastante complexo, visto que acontece ainda na infância, etapa em que crianças e adolescentes ainda são bastante dependentes de suas famílias. Sabendo se tratar de algo fora dos padrões, muitos preferem esconder, com o objetivo de evitar problemas, embora, para a Voz 12, por exemplo,

“[...] nas famílias é preciso existir conversa com base no amor. A família é sim o pior dos problemas, sofrer dentro da própria casa é a pior coisa que existe.”

É complexo demais pensar sobre a vida das pessoas. E é desmotivador saber que muitos não conseguem ser quem realmente são por pressões familiares, incentivadas, muitas vezes, por crenças religiosas. O relato da Voz 20 é muito forte quando refere que *“[...] minha família é extremamente preconceituosa e tudo que*

envolve isso pra eles é coisa do diabo.” Sabemos bem que esta opinião não foi construída sozinha. A influência das igrejas sobre a vida das pessoas e sobre suas ações dentro de casa são fortes em um nível preocupante. Isso porque muitos acabam deixando de pensar sozinhos para reproduzir as falas de seus líderes religiosos.

É neste sentido que se torna mais necessário o trabalho da escola, justamente porque fora dela é ainda mais difícil que a construção da identidade aconteça. Conforme a Voz 16:

“A não abordagem das mais distintas possibilidades afetivas de uma pessoa nas escolas, principalmente em cidades menores e geralmente com famílias mais tradicionais, dificulta ainda mais o processo de descoberta LGBT+, podendo, inclusive, culminar na submissão de uma vida toda voltada a obrigações heteroafetivas, inculcadas por um silêncio devastador e um cruel sentimento de felicidade, identidade e existência desperdiçados.”

Não é possível que uns se sintam proprietários das vidas de outros. Não é possível que achem isso normal ou que não freiem essa prática. Mas é a realidade. Que precisa ser enfrentada, principalmente, através da ação da escola. Muitas famílias, lamentavelmente, não estão preparadas para encarar o diferente como algo normal. E mesmo aquelas que possuem familiares LGBT+, ainda se chocam quando sua filha ou filho manifestam sua identidade de gênero. É o caso da Voz 23 que diz:

“Eu me descobri com uma idade consideravelmente cedo, o processo foi mais lento por conta de não ter apoio das pessoas e muitos julgamentos. Isso fez eu me esconder por um longo tempo. Quando eu assumi isso para minha família, foi um choque apenas para minha mãe. Pois meu pai e a família dele já tinham um caso, assim como na família da minha mãe. Então o estranhamento foi por parte dela.”

Há que se transformar as pessoas, porque elas precisam mudar sua visão de mundo. Antigas crenças precisam ser desmistificadas para que as perspectivas acompanhem a evolução humana. Não se pode viver o ano de 2018 com olhos de 1964. É preciso ampliar os horizontes da sociedade. E a educação tem esse poder.

6.2 Escola: voz e representatividade

É papel da escola educar para a conscientização. Mas maior ainda é a necessidade que a escola tem de permitir que todos e todas se sintam parte do processo educativo, pertencentes à sala de aula e ouvidos, sempre. O espaço escolar precisa contemplar a todos e todas. Ninguém pode ser isolado ou isolada, esquecido ou esquecida, marginalizado ou marginalizada. Porque a escola é de todos e todas e para todos e todas. A Voz 8 relata que:

“Sou prof estadual no RS, lésbica e tento fazer meus alunos se sintirem o mais confortáveis possível dentro de minhas aulas. Na minha aula nenhum tipo de piadinha preconceituosa (gênero, etnia, sexualidade, condição social) passa em branco sem um sermão para a turma toda... E repito até às piadas pararem. Nós temos espaço e voz dentro da sala de aula, devemos usar esse espaço para desconstruir esses preconceitos e formar cidadãos melhores.”

E que bom se mais alunos e alunas tivessem a oportunidade de ser alunos e alunas dessa professora. Que bom se mais professoras e professores fossem assim. Quem é docente tem papel fundamental no que diz respeito à garantia do bem-estar de seus alunos e alunas. Para que todos e todas se sintam bem, precisam de professores e professoras que estabeleçam um ambiente acolhedor e respeitoso. Conforme a Voz 10, *“Todo processo educacional deve priorizar o bem-estar e social das pessoas, caso contrário não estará cumprindo seu papel”*. E essa é a mais pura verdade. A escola não pode andar na contramão.

A Voz 13 refere que *“Nunca tive liberdade ou abertura alguma durante a época escolar. Foi dolorosa e trago sempre um sentimento de que perdi minha adolescência e não vivi o que poderia”*. Não é possível que se saiba que coisas assim acontecem e que se permaneça inerte diante desta realidade. A passagem pela escola precisa se dar de forma prazerosa e enriquecedora. E esse prazer precisa ser sentido por todos e não apenas por uma elite padronizada. A Voz 15 diz pertencer à comunidade LGBT+ e não querer ser esquecida. Ninguém quer e ninguém pode, eu acrescentaria.

O depoimento da Voz 17 é muito forte. Em seu espaço aberto, diz:

“Estudei em duas escolas completamente diferentes. Em uma não me sentia pertencente, não tinha voz e sofria bullying. Não me assumi nesta

escola, mas era óbvio que eu era diferente dos demais, e talvez por isso sofri bullying (verbal e físico). Na escola seguinte, minha vida mudou. Todos eram muito abertos à diversidade, me sentia ouvido e pertencente. Consegui me assumir para meus colegas logo no primeiro ano na escola (sétima série na época). Fui respeitado, apesar de algumas brincadeiras problemáticas. O núcleo de apoio percebeu e me procurou, parecendo preocupado com minha sexualidade e como ela estava sendo vista pelo resto dos colegas. Devido a esse apoio consegui me assumir para minha família. Conheci várias pessoas lgbt, alunos e professores, e tive várias aulas e semanas temáticas que me aprofundaram no assunto. Apesar disso, ainda haviam professores e alunos mais conservadores, mas nunca me senti mal como antes, na escola antiga. Por conta do apoio que estava recebendo tive coragem de enfrentar o preconceito de frente e me senti seguro o tempo inteiro. Ambas as escolas eram públicas, mas a última era federal. Foi a melhor experiência que tive, é só consigo me aceitar e ter orgulho de mim por conta dessa formação inclusiva. [...]

Ninguém pode frequentar a escola com medo. Todos e todas precisam estar seguros e seguras em todos os momentos. Para que a aprendizagem aconteça de forma significativa, é preciso que ela seja a única preocupação no dia a dia da sala de aula. Não se pode construir conhecimento em um ambiente que oferece risco. Tampouco se pode aprender quando não se existe. A existência é premissa básica e a representatividade é garantia disso.

Abordar a sexualidade em sala de aula é permitir que se conheça de tudo. Apresentar as possibilidades não é doutrinar, mas permitir que todos se reconheçam pertencentes ao espaço. A Voz 7 apresenta um clamor, dizendo “*Ideologia de gênero não!*” Mas quem é que está falando em ideologia de gênero? Aliás, que ideologia é essa? Debater esses assuntos em sala de aula é diferente de doutrinar. O debate é necessário. A discussão é fundamental. É preciso conhecer para respeitar. Aqueles e aquelas que levantam a bandeira contra a tal “ideologia de gênero” são os mesmos e mesmas que cometem inúmeros outros erros por aí, dentre os quais é possível citar aqui a traição, inclusive com pessoas do mesmo sexo. Muitas destas fazem críticas em nome de um deus e baseados na bíblia, observando, obviamente, apenas o que lhes beneficia neste “debate” recheado de ódio rancor.

O relato da Voz 23, no que tange à abordagem em sala de aula, é bastante relevante, pois diz que:

“Em sala de aula abordaram esse tema pouquíssimas vezes. Me sentia cada vez mais com medo, e quando falavam algo positivo me deixavam

mais confortável. Acho que teria me sentido muito mais a vontade e com força pra enfrentar o preconceito dentro da própria sala. Esses assuntos são extremamente importantes, pois nos sentimos muito confortáveis quando não nos julgam ou simplesmente não dão bola. Se discutíssemos isso dentro de sala de aula, minha vida teria sido muito mais fácil e eu me sentiria muito mais acolhida. [...] Deveríamos discutir mais sobre esse assunto na educação escolar, evitaria muitos suicídios e riscos de depressão. Não precisa nem apoiar, mas não julgar já está ótimo. Faria com que tivéssemos mais ânimo de ir à escola onde pregam que precisamos de respeito, porém esse respeito muitas vezes não é ensinado. Professores, não finjam que não veem ou que não ouvem as coisas, repreendam os alunos maldosos! Faça algo, aborde esses temas, vai ajudar muito em questão de respeito até a pessoas se descobrirem. Isso é extremamente importante e sejam amigos de seus alunos, esse sim é o essencial.”

O estabelecimento de boas relações no ambiente escolar permite que, naturalmente, os espaços de voz, escuta e representatividade apareçam. Mas para que isso aconteça, é preciso que haja disposição por parte da escola e, principalmente, de quem está na linha de frente, o professor e a professora.

6.3 Violência e preconceito: vilões de uma triste realidade

Início este bloco de análise com o relato da Voz 3:

“Durante os Ensinos Fundamental e Médio a pressão que sentia por ser homossexual, ou pelos colegas "acharem" que eu era, foi muito grande. Durante os 11 anos de Escola não fui ao banheiro nenhuma vez com receio do que poderia acontecer caso eu encontrasse lá algum dos colegas que faziam piadas a meu respeito. A pior situação que vivenciei na Escola foi quando aguardávamos o professor de Educação Física. Todos os meninos gritavam palavras como "bichinha", "viado", "puto" enquanto batiam com as mãos nas classes. Quando o professor entrou na sala imaginei que estaria "salvo" ou protegido por ele. Mas não, ele apenas disse "deixem o viadinho aí e vamos para a quadra". Após esta situação forjei a quebra da perna e não fui à Escola durante quase 3 meses com medo de quê a situação relatada se repetisse. Quando voltei à Escola não participava mais das atividades de Educação Física. E foi assim até que uma outra professora de Educação Física me viu me escondendo pela Escola e veio falar comigo. Conteí a ela e a partir daquele momento passei a frequentar as suas aulas.”

Comentei ao longo de toda esta pesquisa sobre o medo, mas este relato impacta de forma tão forte que sinto a necessidade de me tornar repetitivo. A violência e o preconceito matam. São manifestações do pior lado do ser humano. E

a escola não pode estar deste lado na batalha. É, justamente, para estar de frente, enfrentando, clamando por um basta. Em 11 anos de escola, a Voz 3 não foi ao banheiro sequer uma única vez por medo. E, ao longo de todo este período, não encontrou em seu caminho alguém que pudesse segurar sua mão, demonstrando apoio e garantindo a segurança pela qual suplicava. Foi mais de uma década, imagino, de sofrimento e solidão. E o que comentar sobre o professor de educação física que, diante de uma situação de bullying, calou-se? Aliás, o que dizer do mesmo professor que, diante de uma situação de bullying, incitou os ferozes ao invés de proteger a vítima? Muitos erros em uma mesma situação. Muito abandono para uma pessoa só.

A escola não pode ser ambiente de promoção do preconceito ou de incitação à violência. Absolutamente. Não é esta a sua missão. Não são estes os seus objetivos. Ao contrário, a escola precisa ensinar a respeitar. Precisa estar disponível para acolher a todos e todas, garantindo-lhes segurança e um ambiente favorável à aprendizagem de qualidade e significativa. Jamais deve permitir e, de forma agravante, motivar que seus estudantes ou suas estudantes tenham medo ou sofram qualquer tipo de agressão. A Voz 14 relata:

“Desde criança, por ter traços comportamentais mais femininos, sempre fui tratado, por determinado grupo de colegas, como “a bixinha”, “o viadinho”. E, como eu me revoltava com esses xingamentos, acabava sofrendo violência física de alguns desses colegas. Algumas professoras até tentavam fazer algo que pudesse solucionar esse problema, nunca com êxito, durante todo o meu ensino fundamental.”

Sua professora tentou ajudar não obtendo êxito, muito provavelmente porque a escola, enquanto instituição, não ofereceu suporte. O espaço escolar é coordenado por um conjunto de profissionais que precisam trabalhar em harmonia, objetivando beneficiar seus alunos. Não basta que apenas um queira transformar a realidade sem que os outros estejam dispostos a colaborar. Mas, ainda assim, vale ressaltar e valorizar a atitude da professora, que foi oposta às atitudes lamentáveis dos docentes da Voz 23, que refere:

“Muitas vezes professores se manifestaram com piadas e dizendo não ser normal, mas eu nunca dei bola. Porém era um tanto quanto revoltante quando os colegas ainda o incentivavam e riam, com esse incentivo

aconteciam mais vezes. Já sofri agressões físicas por alguns colegas, e as agressões verbais que eram indiretas, mas eu sabia que era pra mim.”

6.4 A escola e a promoção do respeito à diversidade⁸

Já mencionei inúmeras outras vezes, ao longo desta pesquisa, que a escola tem papel fundamental no que se refere à promoção do respeito à diversidade. De qualquer forma, reservei este espaço para salientar, mais uma vez, esta percepção. A Voz 1 relata:

“Tive duas experiências bem diferentes no ensino básico: os professores e docentes do instituto eram incríveis e acolhedores, promoviam debates e conversas sobre vivência lgbt, negra e feminista. Já no ensino fundamental, a orientadora pedagógica – que antes foi diretora e professora – me chamava constantemente pra perguntar porque eu não me interessava nos meus colegas e usava os casacos e camisetas do meu irmão, como se fosse muito errado e problemático, nunca foi conversado sobre ser Lgbt ou não.”

Levar o assunto para a sala de aula é o primeiro passo para que se comece o processo de conscientização. É a forma que existe para que a turma seja motivada a refletir e perceber a realidade que está ao seu redor. Quando a Voz 1 menciona o trabalho da Orientadora, sinto uma certa lástima, na medida em que a atitude foi louvável, mas conduzida de forma equivocada. Críticas não contribuíram, ao contrário, possivelmente, geraram ainda mais dúvida e confusão de sentimentos. A Voz 9 faz uma observação bastante relevante:

Acredito que as discussões sobre questões LGBTs ainda não são uma realidade da escola. Talvez, pelo fato de os/as professores/as não percebam a potencialidade e a importância de abordar o assunto. Além disso, não existe um apoio da equipe diretiva que incentive e defenda questões como está, pois muitos dos pais e das mães dos/as estudantes ainda tem resistência quanto a discussão destas questões LGBTs.

A resistência, motivada, mais uma vez, pelas crenças familiares e religiosas, é um empecilho para que as discussões sobre sexualidade adentrem as portas da sala de aula. Infelizmente, muitas direções de escola curvam-se diante das exigências dos responsáveis pelos alunos ou pelas alunas, esquecendo que a escola tem uma importante finalidade: formar, nos âmbitos acadêmico e humano,

⁸ A diversidade, nesta pesquisa, está relacionada à orientação sexual.

seus estudantes e suas estudantes. Assim, é imprescindível que, por vezes, a escola “compre a briga” e aborde determinados assuntos. É pela educação que isto acontece, por mais nada.

A Voz 18 observa que *“Professores tem uma carga imensa na nossa vida e fazem parte daquilo que vamos nos tornar nesse processo de aprendizado, conhecimento e autoconhecimento e evolução (que deve ser constante)”*. Trata-se de uma afirmação justa, já que os professores e professoras atuam diretamente junto a seus alunos e alunas, marcando suas vidas todos os dias. As marcas podem ser positivas ou negativas. E que bom se forem apenas positivas. Sinal de que o trabalho foi desenvolvido da forma correta e que este ou esta docente compreendeu, ao longo de toda sua formação e experiência profissional, a importância de sua prática.

6.5 Desacomodando pensamentos: outra síntese possível

Os depoimentos deixados pelos participantes e pelas participantes da pesquisa, ao final das questões, mexeram comigo de forma muito peculiar. Foi o espaço de escuta que me faltou na infância e que eu tive a oportunidade de proporcionar às pessoas. Cada palavra manifestada trouxe para este trabalho a carga de uma história repleta de desafios enfrentados e transpostos: foram mensagens sinceras que materializaram o que o coração sentia.

No ano de 2004, o governo federal lançou o Programa Brasil Sem Homofobia, que objetivava oferecer às escolas material para facilitar as discussões e o trabalho acerca da diversidade sexual. Anos depois, já em 2011, por pressão do Congresso Nacional e de fortes lideranças religiosas, o governo decidiu suspender o Programa, encerrando a possibilidade de maiores reflexões sobre o assunto. Em seu texto, o documento abordava que:

A homofobia é uma decorrência inevitável da **heteronormatividade**, pois funciona como um modo de identificar e tentar punir todo e qualquer afastamento ou “desvio” em relação ao padrão heterossexual institucionalizado, uma vez que este é socialmente imposto a todos/as. A homofobia rotula e inferioriza uma imensa categoria de indivíduos e tem por consequência imediata suprimir ou impedir o exercício de direitos que são comumente acessíveis a todas as demais pessoas. (BRASIL, 2004, p. 34, grifo do autor).

É importante reconhecer, aqui, que, talvez, o material tornasse as discussões sobre gênero e sexualidade tópicos pedagógicos, quando, na verdade, deveriam ser tratadas com a necessária naturalidade. O diferente inquieta, desacomoda, mexe com as pessoas. Mas é normal, levando-se em conta que vivemos em um planeta com mais de 7 bilhões de habitantes e, obviamente, por questões cientificamente comprovadas, todos somos diferentes. Não é que seja necessário oferecer um espaço especial para a questão (uma disciplina na grade curricular, por exemplo). É preciso, apenas, tratar como deve ser tratado. Com respeito e naturalidade. Conforme Moreira e Candau (2003, p. 161):

[...] a escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença. Tende a silenciá-las e neutralizá-las. Sente-se mais confortável com a homogeneização e a padronização. No entanto, abrir espaços para a diversidade, a diferença e para o cruzamento de culturas constitui o grande desafio que está chamada a enfrentar.

Cada um dos alunos e alunas é um ser humano singular, vivendo em conjunto a outros e outras, que também são singulares. O que este estudo mostra é que cada um e cada uma possui uma história, uma carga de aprendizados. Cada um e cada uma nasceu do jeito que é e assim será até o último dia de sua vida. Cada um e cada uma têm o direito, dentro e fora das salas de aula, de ser respeitado, de ter voz, de ser ouvido e de se sentir representado, sempre. Porque a escola é de todos. E o mundo também. Ao menos deveriam ser.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de todo o Curso de Letras, procurei algum aspecto relacionado ao estudo do texto, do discurso, do ensino de língua ou literatura, da própria literatura para pesquisar em meu trabalho de conclusão de curso, mas, embora fascinado por todos os campos, nenhum deles despertava em meu coração, como uma paixão ou um vício, a vontade de pesquisar. Apesar de estar em dúvida quanto à área de pesquisa, tinha uma certeza: gostaria muito de abordar a orientação sexual dentro da escola de Educação Básica, ou como essas questões são contempladas nos ambientes escolares. Mas como eu poderia trabalhar com um tema que não contemplava aspectos do meu curso? Quanta ingenuidade. Mal sabia eu que a experiência só acontece por intermédio da palavra, e que palavra, voz e representatividade são tópicos das Letras. E que bom que eu tinha uma orientadora que me abrisse os olhos e me fizesse perceber isso. Caso contrário, o desenvolvimento deste trabalho de conclusão não teria sido tão prazeroso.

Assim, reconhecer a concepção de palavra como possibilidade de experiência humana, um de meus objetivos, foi o ponto de partida para que eu pudesse compreender as relações que seriam estabelecidas ao longo da pesquisa, percebendo a forte ligação que a voz, a representatividade e a faculdade da escuta têm em relação à percepção do indivíduo como ser humano pertencente ao mundo. Acrescento, também neste momento, a definição sobre multiplicidade cultural, outro de meus objetivos, elemento tão importante no processo de ensino e aprendizagem, que contribuiu para o enriquecimento acadêmico desta produção, facilitando a análise de *corpus* e mostrando que a escola, enquanto espaço de formação cidadã, é múltipla e repleta de diversidades.

Retomo a dificuldade de estipular um método de pesquisa que contemplasse a minha vontade de oportunizar um espaço de voz para os participantes e as participantes da pesquisa. Uma entrevista individual, que elegesse uma, duas, ou três pessoas para participarem não seria tão positivo quando a possibilidade de abarcar um maior número de respostas com um maior recorte do que acontecia ou ainda acontece dentro das escolas. Por isso, optei pelo Formulário Google, que permitiu um retrato mais amplo e rico em detalhes.

A análise quantitativa, baseada nas respostas das 15 perguntas de múltipla-escolha, já serviu como uma espécie de choque, visto que representou a

manifestação de mais de 100 participantes, sujeitos que aproveitaram a oportunidade para externar, anonimamente, experiências que, para a grande maioria, não foram nada positivas. O processo de descoberta e a aceitação por parte da família e dos amigos e amigas é sempre bastante complexa e isso ficou muito bem evidenciado, embora, no caso dos amigos e das amigas, o apoio acabe surgindo, mesmo que devagar. A família, por sua vez, acaba falhando ao passo que se deixa influenciar pela religião ou pela cultura equivocada transmitida de geração em geração.

Quanto à temática central desta pesquisa, foi possível perceber, de forma muito transparente, a ausência de discussões sobre orientação sexual dentro dos espaços escolares da educação básica, e o quanto esse silêncio do sistema educacional prejudica a vida de seus e suas estudantes, impedindo que se sintam sujeitos representados, com voz e agentes de sua própria história. Estarrece-me o fato de saber que, aqui, analisei as respostas de 100 pessoas, enquanto, tenho certeza, outras centenas de milhares, ao menos no Brasil, vivem uma mesma realidade sem a possibilidade de se manifestar. E, por isso, retomo o terceiro de meus objetivos que foi o de avaliar o papel do currículo, da escola e do docente e da docente como facilitadores e facilitadoras desse processo de transformação.

É válido lembrar sobre as ocorrências de preconceito, discriminação e violência, seja ela verbal ou física, apresentadas pelos entrevistados e pelas entrevistadas. Muitas pessoas sofrem com isso dentro das escolas e não encontram apoio para solucionar seus problemas. Muitos e muitas sofrem com a inércia das escolas e com os próprios professores ou com as próprias professoras, como ficou claro em uma das questões. Aqueles que deveriam zelar pela qualidade na educação das crianças e adolescentes, afastando de suas salas de aula o preconceito e qualquer atitude relacionada a ele, unindo-se aos agressores e às agressoras. Lastimável, mas verdadeiro.

Alegrei-me com o fato de que muitos além de mim enxergam a escola como espaço para esse tipo de discussão, e que é por intermédio dessa atitude que a realidade pode ser transformada, porque o espaço escolar é de todos, independentemente de orientação sexual. Mas saliento que algumas pessoas não têm esse entendimento, julgando que o assunto não deve ser tratado pelos professores ou pelas professoras. Falta de conhecimento do trabalho que deve ser desenvolvido nas escolas, talvez. Outro ponto que precisa ser transformado.

Os 24 depoimentos deixados no espaço aberto de escuta tocaram em algumas feridas que estavam guardadas há muito tempo em mim. Foi como ter lido trechos de um livro sobre a minha vida escolar. Foi como ter voltado no tempo, há 10 ou 15 anos, com medo e sozinho. A verdade é que este espaço representou o que muitos, assim como eu, sentiram na pele ao longo de sua trajetória de formação básica. Foi a representação da vida real da comunidade LGBT+ que vive por aí, todos os dias, tendo que lutar por um espaço que também lhes pertence por natureza.

No entanto, este estudo tem algumas limitações. Com certeza, valeria a pena ter delimitado a faixa etária dos entrevistados, bem como as regiões geográficas em que eles se encontram, para que as respostas pudessem ter sido mais específicas. Além disso, poderia ter dividido o questionário por gêneros e, também, entre os que ainda se encontram na escola, os que recém saíram e os que já saíram há mais tempo. Uma outra possibilidade teria sido comparar as respostas daqueles que estudam ou estudaram em escolas públicas e os que estudam ou estudaram em escolas privadas.

Nesse sentido, há a possibilidade e o desejo deste autor de continuar seus estudos em nível de pós-graduação, ampliando esta escuta e possibilitando novas e outras vozes, considerando, inclusive, as limitações desta pesquisa. Da mesma forma, há o tensionamento para estudar, pesquisar e re/pensar uma formação docente que esteja cada vez mais preparada para lidar com a realidade e a diversidade da sala de aula.

De modo geral, chego neste ponto da pesquisa, avaliando o percurso, com a certeza de ter alcançado o objetivo central desta pesquisa, que era o de problematizar a forma como os aspectos da orientação sexual são abordados/contemplados no contexto escolar. Acredito que as reflexões oriundas da leitura podem ter o poder de transformar realidades, mesmo as mais pequenas, no sentido de que a escola de Educação Básica seja a ferramenta de que o mundo precisa para garantir que todas as pessoas, mas todas mesmo, tenham representatividade e voz em qualquer lugar. Porque, repito: a escola é de todos e todas. E o mundo também!

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação [online]. 2002, n. 19, pp. 20-28. ISSN 1413-2478. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-247820020001100003>.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. **Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura; organização do documento** Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

_____. **Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos**. Revista Brasileira de Educação. N. 23, p. 156-168, 2003.

REIS, Andréia. **É amor ou amizade? Descoberta da homossexualidade feminina na sala de aula**. Monografia (Pós-Graduação em Gestão na Escola) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. São Leopoldo, 2011.

VASCONCELLOS, CELSO S. **Coordenação do trabalho Pedagógico**. São Paulo: Libertad, 2002.

ANEXO A – ESPAÇO ABERTO

VOZ 1 - Tive duas experiências bem diferentes no ensino básico: os professores e docentes do instituto eram incríveis e acolhedores, promoviam debates e conversas sobre vivência lgbt, negra e feminista. Já no ensino fundamental, a orientadora pedagógica - que antes foi diretora e professora - me chamava constantemente pra perguntar porque eu não me interessava nos meus colegas e usava os casacos e camisetas do meu irmão, como se fosse muito errado e problemático, nunca foi conversado sobre ser Lgbt ou não. Acredito que o ensino federal, através dos IFs e universidades vêm trazendo um bom trabalho na conscientização de alunos, através do convite ao diálogo, não sei se - com a onda conservadora no estado - seja o melhor passo trazer para sala de aula sem primeiro um convite à se falar sobre. Acredito ainda que a educação sexual nas escolas deve acontecer para que se entre no assunto de orientação sexual, porém, infelizmente, sabemos que são poucas as escolas que se dedicam à educação sexual no estado. (2)

VOZ 2 - Se sentir a vontade em um ambiente escolar e de longo período é essencial, gostaria que todos tivessem essa oportunidade.

VOZ 3 - Durante os Ensinos Fundamental e Médio a pressão que sentia por ser homossexual, ou pelo dos colegas "acharem" que eu era, foi muito grande. Durante os 11 anos de Escola não fui ao banheiro nenhuma vez com receio do que poderia acontecer caso eu encontrasse lá algum dos colegas que faziam piadas a meu respeito. A pior situação que vivenciei na Escola foi quando aguardávamos o professor de Educação Física. Todos os meninos gritavam palavras como "bichinha", "viado", "puto" enquanto batiam com as mãos nas classes. Quando o professor entrou na sala imaginei que estaria "salvo" ou protegido por ele. Mas não, ele apenas disse "deixem o viadinho aí e vamos para a quadra". Após esta situação forjei a quebra da perna e não fui à Escola durante quase 3 meses com medo de que a situação relatada se repetisse. Quando voltei à Escola não participava mais das atividades de Educação Física. E foi assim até que uma outra professora de Educação Física me viu me escondendo pela Escola e veio falar comigo. Conteí a ela e a partir daquele momento passei a frequentar as suas aulas.

VOZ 4 - Desde criança, por ter traços comportamentais mais femininos, sempre fui tratado, por determinado grupo de colegas, como "a bixinha", "o viadinho". E, como eu me revoltava com esses xingamentos, acabava sofrendo violência física de alguns desses colegas. Algumas professoras até tentavam fazer algo que pudesse solucionar esse problema, nunca com êxito, durante todo o meu ensino fundamental.

VOZ 5 - Muitas vezes a escola é o único espaço que o aluno pode conversar sobre sexualidade e compreender isso para que a aceitação seja mais fácil. Muitas não tem nenhuma estrutura para dar suporte pros alunos, principalmente os que sofrem algum tipo de preconceito.

VOZ 6 - Dei um selinho na minha amiga, fui chamada de lésbica durante meses pelo meu ex namorado, sinto atração por algumas amigas minhas, mas não quero que ninguém saiba sobre isso, eu tenho muito medo de ser julgada!

VOZ 7 - Ideologia de gênero não!

VOZ 8 - Sou prof estadual no RS, lésbica e tento fazer meus alunos se sentirem o mais confortáveis possível dentro de minhas aulas. Na minha aula nenhum tipo de piadinha preconceituosa (gênero, etnia, sexualidade, condição social) passa em branco sem um sermão para a turma toda... E repito até às piadas pararem. Nós temos espaço e voz dentro da sala de aula, devemos usar esse espaço para desconstruir esses preconceitos e formar cidadãos melhores.

VOZ 9 - Acredito que as discussões sobre questões LGBTs ainda não são uma realidade da escola. Talvez, pelo fato de os/as professores/as não percebam a potencialidade e a importância de abordar o assunto. Além disso, não existe um apoio da equipe diretiva que incentive e defenda questões como está, pois muitos dos pais e das mães dos/as estudantes ainda tem resistência quanto a discussão destas questões LGBTs.

VOZ 10 - Todo processo educacional deve priorizar o bem estar e social das pessoas, caso contrário não estará cumprindo seu papel.

VOZ 11 - Se possível preferiria via e-mail caoim@gmail.com

VOZ 12 - Acredito que nas famílias é preciso existir conversa com base no amor. A família é sim o pior dos problemas, sofrer dentro da própria casa é a pior coisa que existe.

VOZ 13 - Nunca tive liberdade ou abertura alguma durante a época escolar. Foi dolorosa e trago sempre um sentimento de que perdi minha adolescência e não vivi o que poderia. Hoje, como professor, procuro me mostrar aberto, falo sobre o tema em momentos oportunos e busco fazer postagens sobre respeito e tolerância, visto a grande quantidade de alunos que tenho em rede social e pelo poder de alcance das mesmas.

VOZ 14 - Já realizei alguns debates sobre sexualidade com o ensino médio e acho que seria importante como sugestão de intervenção (se tiver isso no tcc) a ideia de atividades escolares sobre a temática que não sejam obrigatórias. Os resultados são incríveis e as pessoas que procuram se sentem mais seguras para dividir as histórias com os professores. Percebi a partir disso o quanto precisa ser debatido nas escolas tendo em vista que os pais não costumam debater em casa. Mas enfatizando aqui que esse debate tbm precisa estar inserido em outros espaços da educação básica, já que pode ser debatido como tipos de família para que diminua os preconceitos e naturalize as diferentes sexualidades

VOZ 15 - Sou da comunidade LGBT e não quero ser esquecida!

VOZ 16 - A não abordagem das mais distintas possibilidades afetivas de uma pessoa nas escolas, principalmente em cidades menores e geralmente com famílias mais tradicionais, dificulta ainda mais o processo de descoberta LGBT+, podendo, inclusive, culminar na submissão de uma vida toda voltada a obrigações heteroafetivas, inculcadas por um silêncio devastador e um cruel sentimento de felicidade, identidade e existência desperdiçados.

VOZ 17 - Estudei em duas escolas completamente diferentes. Em uma não me sentia pertencente, não tinha voz e sofria bullying. Não me assumi nesta escola, mas era óbvio que eu era diferente dos demais, e talvez por isso sofri bullying (verbal e físico). Na escola seguinte, minha vida mudou. Todos eram muito abertos à diversidade, me sentia ouvido e pertencente. Consegui me assumir para meus colegas logo no primeiro ano na escola (sétima série na época). Fui respeitado, apesar de algumas brincadeiras problemáticas. O núcleo de apoio percebeu e me procurou, parecendo preocupado com minha sexualidade e como ela estava sendo vista pelo resto dos colegas. Devido a esse apoio consegui me assumir para minha família. Conheci várias pessoas lgbt, alunos e professores, e tive várias aulas e semanas temáticas que me aprofundaram no assunto. Apesar disso, ainda haviam professores e alunos mais conservadores, mas nunca me senti mal como antes, na escola antiga. Por conta do apoio que estava recebendo tive coragem de enfrentar o preconceito de frente e me senti seguro o tempo inteiro. Ambas as escolas eram públicas, mas a última era federal. Foi a melhor experiência que tive, é só consigo me aceitar e ter orgulho de mim por conta dessa formação inclusiva. Obrigado e boa sorte!

VOZ 18 - Parabéns pelo tema de suma importância e que com certeza traz mais visibilidade pra causa. Com certeza tu vai fazer a diferença no futuro da educação. Dentro do tema, acredito que cada pessoa que se identifica dentro do movimento deva ter espaço para a sua causa. Infelizmente existe preconceito entre quem deveria somente se apoiar. Eu, como bissexual, não posso tomar o espaço de fala de um gay, nem diminuir a sua causa, mas isso não me impede de somar na sua luta e apoiar da forma que for possível. Vejo muita invisibilização da bissexualidade, vejo muitas pessoas que não levam a sério ou acreditam que devo escolher um gênero pelo qual devo me sentir mais atraída, quando na verdade a atração é por pessoas. Pessoas no geral, independentemente do gênero e existe uma grande dificuldade de aceitação disso, que me parece algo tão simples, por parte da sociedade. Por isso, mais uma vez te parableno por esse trabalho lindo e tenho certeza que tu faz parte das pessoas que vai transformar a sociedade num lugar melhor através da educação, da formação de seres melhores. A maior parte de quem eu sou hoje é graças a minha vivência com alguns professores do EM e outros da faculdade. Professores tem uma carga imensa na nossa vida e fazem parte daquilo que vamos nos tornar nesse processo de aprendizado, conhecimento e auto conhecimento e evolução (que deve ser constante).

VOZ 19 - Vamos lá Vou professor e LGBTQI Atuo na rede pública a 10 anos. Dentro desse tempo já briguei e brigo diariamente pela população LGBTQI. Mas confesso que está a cada ano mais difícil com o avanço do fascismo em nossa sociedade

VOZ 20 - Eu contei pra uma amiga que era bissexual, e me senti muito aliviada, ela disse que isso era normal é que não era feio nem errado ... minha família é extremamente preconceituosa é tudo que envolve isso pra eles é coisa do diabo.

VOZ 21 - Além do abuso físico ocorreu muito abuso verbal também

VOZ 22 - Ainda na semana passada estava lendo um e-book que tratava deste assunto relacionado à diversidade. Foi abordado sobre termos pejorativos e eu parei um pouco pra refletir como é forte a lembrança dos apelidos estereotipados que são usados para se referir 'comumente' aos LGBTs. Forte lembrança desprazerosa!

VOZ 23 - Eu me descobri com uma idade consideravelmente cedo, o processo foi mais lento por conta de não ter apoio das pessoas e muitos julgamentos. Isso fez eu me esconder por um longo tempo. Quando eu assumi isso para minha família, foi um choque apenas para minha mãe. Pois meu pai e a família dele já tinham um caso, assim como na família da minha mãe. Então o estranhamento foi por parte dela. O ano em que eu me assumi (2016) foi um pouco difícil por estar em uma sala extremamente preconceituosa. Mas não ligava e nem me importava, mesmo sofrendo preconceito. No último ano (2017) fui extremamente bem recebida e acolhida após mudar de turma, sem estranhamento ou preconceito. Em sala da aula abordaram esse tema pouquíssimas vezes. Me sentia cada vez mais com medo, e quando falavam algo positivo me deixavam mais confortável. Acho que teria me sentido muito mais a vontade e com força pra enfrentar o preconceito dentro da própria sala. Esses assuntos são extremamente importantes, pois nos sentimos muito confortáveis quando não nos julgam ou simplesmente não dão bola. Se discutíssemos isso dentro de sala de aula, minha vida teria sido muito mais fácil e eu me sentiria muito mais acolhida. Muitas vezes professores se manifestaram com piadas e dizendo não ser normal, mas eu nunca dei bola. Porém era um tanto quanto revoltante quando os colegas ainda o incentivavam e riam, com esse incentivo aconteciam mais vezes. Já sofri agressões físicas por alguns colegas, e as agressões verbais que eram indiretas, mas eu sabia que era pra mim. Dos professores e da comunidade escolar nunca chegou a acontecer um desrespeito grande com esse assunto. Nunca comentei com ninguém sobre isso, pois minhas amigas não se importavam, afinal não era com elas, e em casa eu ainda não era assumida. Me assumi apenas no ano em que fui bem acolhida pela minha turma, a qual me deu coragem. Deveríamos discutir mais sobre esse assunto na educação escolar, evitaria muitos suicídios e riscos de depressão. Não precisa nem apoiar, mas não julgar já está ótimo. Faria com que tivéssemos mais ânimo de ir à escola onde pregam que precisamos de respeito, porém esse respeito muitas vezes não é ensinado. Professores, não finjam que não veem ou que não ouvem as coisas, repreendam os alunos maldosos! Faça algo, aborde esses temas, vai ajudar muito em questão de respeito até a pessoas se descobrirem. Isso é extremamente importante e sejam amigos de seus alunos, esse sim é o essencial.